

DANIELLE BINDA COUTINHO

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA

**A IMPORTÂNCIA DA ROTINA ESCOLAR PARA ESTUDANTES COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

PRESIDENTE PRUDENTE

2023

DANIELLE BINDA COUTINHO

**MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA:
A IMPORTÂNCIA DA ROTINA ESCOLAR PARA ESTUDANTES COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva Profei da Faculdade de Ciências e Tecnologia/ Universidade Estadual Paulista – UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Inclusiva.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Andreia Cristiane Silva Wiezzel

PRESIDENTE PRUDENTE

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

C871i Coutinho, Danielle Binda
A importância da rotina escolar para estudantes com transtorno do espectro autista no ensino fundamental / Danielle Binda Coutinho. -- Presidente Prudente, 2023
109 f. : il., tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Andreia Cristiane Silva Wiezzel

1. Rotina escolar. 2. Transtorno do Espectro Autista. 3. Educação Inclusiva. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE DANIELLE BINDA COUTINHO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - CÂMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE.

Aos 27 dias do mês de abril do ano de 2023, às 14:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de DANIELLE BINDA COUTINHO, intitulada **A importância da rotina no aprendizado de crianças com espectro autista no ensino fundamental**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. ANDREIA CRISTIANE SILVA WIEZZEL (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Educacao / PROFEI/UNESP - Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente, PROFESSOR DOUTOR ALAIDE PEREIRA JAPECANGA AREDES (Participação Virtual) do(a) EDUCAÇÃO / UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, Prof. Dr. KLAUS SCHLUNZEN JUNIOR (Participação Virtual) do(a) Estatística / PROFEI/UNESP - Faculdade de Ciências e Tecnologias de Presidente Prudente/SP. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: Aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read "Andreia", is positioned above the printed name of the signatory.

Profa. Dra. ANDREIA CRISTIANE SILVA WIEZZEL

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que me apoiaram durante meu percurso neste mestrado, as quais destaco a seguir:

Agradeço imensamente aos meus pais - José Roberto e Vera Lúcia – que me incentivaram e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

A minha irmã Kaline, seu esposo Ronilson e à minha sobrinha Isabela, pela torcida na realização de meus sonhos.

Ao meu noivo Cléber pelo companheirismo e cumplicidade, me apoiando diante os desafios encontrados.

Agradeço ao meu filho Fábio Roberto pelo amor, paciência, incentivo, apoio incondicional e parceria em todos os momentos desse trabalho.

Agradeço minha orientadora Prof^a. Dr^a. Andreia Cristiane Silva Wiezzel, que conduziu o trabalho com paciência e dedicação, sempre disponível a compartilhar todo o seu vasto conhecimento, me ajudando e orientando, sendo fundamental para a conclusão deste trabalho. Obrigada por ter acreditado e depositado sua confiança em mim me incentivando e me conduzindo, parceria constante durante toda a elaboração desta dissertação.

Também gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Ademir Henrique Manfré, a Prof^a. Dr^a. Alaíde Pereira Japecanga Aredes e o Prof. Dr. Klaus Schlünzen Junior por participarem e contribuírem com orientações para a conclusão deste trabalho.

À todos que de alguma forma fizeram parte da minha formação: Muito Obrigada!

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

(Paulo Freire)

COUTINHO, Danielle Binda. **A importância da rotina escolar para estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental**. 2023. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Andreia Cristiane Silva Wiezzel. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Inclusiva – PROFEI), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 2023.

RESUMO

Esta dissertação foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva PROFEI na Universidade Estadual Paulista Unesp – Presidente Prudente. O tema deste trabalho aborda a importância da rotina escolar para estudantes com Transtorno do Espectro Autista no ensino fundamental, especialmente em sua primeira etapa. Este tema remete as minhas reflexões como professora regente e professora de educação especial e, em particular, as experiências com meu único filho de 19 anos com autismo, diante dos desafios encontrados no período da COVID-19, que exigiu uma reestruturação do trabalho docente e das rotinas para a organização das atividades. Diante do presente contexto, o objetivo geral deste trabalho consistiu em investigar a importância da rotina para estudantes com TEA no ensino fundamental, de maneira a contribuir com os professores nesta ocasião. Para tanto, foram definidos como objetivos específicos: 1- compreender as características gerais do TEA; 2- Identificar os impactos que a rotina pode ter à vida escolar desses estudantes e 3- Apresentar sugestões que orientem a organização de rotinas escolares pelos professores. A metodologia utilizada neste estudo qualitativo perpassou a pesquisa bibliográfica e exploratória, baseando-se não somente em políticas públicas de inclusão, como também em pesquisadores que discutem a relevância da rotina para os estudantes com TEA. Os resultados obtidos permitiram perceber que a rotina faz parte da ação pedagógica no sentido de organizar e garantir a realização de atividades importantes ao desenvolvimento dos estudantes e, também, como forma de oferecer segurança emocional ao antecipar a estas as atividades, minimizando tensões e desconfortos. Do ponto de vista cognitivo, foi possível identificar que a rotina auxilia no estímulo de habilidades, como a interação e organização - prejudicadas em decorrência de alterações nas funções executivas - e também na atenção e concentração, trazendo melhores condições para o aprendizado, independência e autonomia. O produto elaborado a partir desta pesquisa apresenta esses resultados em forma de sugestões de trabalho aos professores.

Palavras-chave: Rotina escolar; Transtorno do Espectro Autista; Educação Inclusiva.

COUTINHO, Danielle Binda. **The importance of school routine for students with Autistic Spectrum Disorder in Elementary School**. 2023. Advisor: Prof^a. Dr. Andreia Cristiane Silva Wiezzel. Dissertation (Professional Master's Degree in Inclusive Education – PROFEI), Faculty of Science and Technology, São Paulo State University – UNESP, Presidente Prudente, 2023.

ABSTRACT

This dissertation was developed within the scope of the Graduate Program in Inclusive Education PROFEI at Universidade Estadual Paulista Unesp – Presidente Prudente. The theme of this work addresses the importance of the school routine for students with Autistic Spectrum Disorder in elementary school, especially in its first stage. This theme brings back my reflections as a regent teacher and special education teacher and, in particular, the experiences with my only 19-year-old son with autism, in the face of the challenges encountered in the period of COVID-19, which required a restructuring of teaching work and routines for organizing activities. Given the present context, the general objective of this work was to investigate the importance of routine for students with ASD in elementary school, in order to contribute to teachers on this occasion. For this purpose, the following specific objectives were defined: 1- understand the general characteristics of ASD; 2- Identify the impacts that the routine can have on the school life of these students and 3- Present suggestions that guide the organization of school routines by teachers. The methodology used in this qualitative study permeated bibliographical and exploratory research, based not only on public inclusion policies, but also on researchers who discuss the relevance of routine for students with ASD. The results obtained allowed us to perceive that the routine is part of the pedagogical action in the sense of organizing and guaranteeing the performance of activities that are important to the development of the students and, also, as a way of offering emotional security by anticipating these activities, minimizing tensions and discomforts. From a cognitive point of view, it was possible to identify that the routine helps to stimulate skills, such as interaction and organization - impaired due to changes in executive functions - and also in attention and concentration, bringing better conditions for learning, independence and autonomy . The product elaborated from this research presents these results in the form of work suggestions for teachers.

Keywords: School routine; Autistic Spectrum Disorder; Inclusive education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Alterações cerebrais no autismo.....	32
Figura 2	Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais	34
Figura 3	Símbolo representativo do Transtorno do Espectro Autista	35
Figura 4	Funções Executivas no Autismo.....	38
Figura 5	As seis fases do PECS	49
Figura 6	Quadro de rotina escolar com PECS.....	50
Figura 7	Calendário com Planilha.....	51
Figura 8	Calendário com Agenda.....	51
Figura 9	Planilha Semanal.....	52
Figura 10	Rotina com POST-IT.....	52
Figura 11	Aplicativo <i>Bitrix 24</i>	54
Figura 12	Aplicativo <i>Evernote</i>	54
Figura 13	Aplicativo <i>Google Keep</i>	55
Figura 14	Aplicativo <i>Wunderlist</i>	55
Figura 15	Aplicativo <i>Social Stories Creator</i>	56
Figura 16	Aplicativo <i>Tobbi</i>	56
Figura 17	Aplicativo <i>Tippy Talk</i>	57
Figura 18	Aplicativo <i>Google Agenda</i>	58
Figura 19	Aplicativo <i>Google Keep</i>	58
Figura 20	Horário das disciplinas.....	59
Figura 21	Cronograma Escolar.....	59
Figura 22	Cronograma Escolar de Provas.....	60
Figura 23	Cronograma Escolar de Eventos.....	60
Figura 24	Google Agenda.....	61
Figura 25	Agenda no Word.....	62

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Evolução das matrículas de educação especial no ensino fundamental, por local de atendimento – Brasil: 2010 – 2021.....	19
Gráfico 2	Alunos incluídos no ensino fundamental em salas comuns nos Estados do Brasil.....	20
Gráfico 3	Matrícula na educação especial por tipo de deficiência, transtorno global do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação – Brasil 2021.....	21

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Comportamentos dos estudantes autistas em relação as funções executivas.....	38
Quadro 2	Etapa 1: Providências antes do início do ano letivo.....	64
Quadro 3	Etapa 2: Acolhimento do estudante nos primeiros dias de aula.....	65
Quadro 4	Etapa 3: Atividades no decorrer do ano letivo.....	65
Quadro 5	Etapa 1: Providências antes do início do ano letivo.....	67
Quadro 6	Etapa 2: Acolhimento do estudante nos primeiros dias de aula.....	67
Quadro 7	Etapa 3: Atividades no decorrer do ano letivo.....	68
Quadro 8	Etapa 1: Providências antes do início do ano letivo.....	70
Quadro 9	Etapa 2: Acolhimento do estudante nos primeiros dias de aula.....	70
Quadro 10	Etapa 3: Atividades no decorrer do ano letivo.....	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
AMA	Associação de Amigos do Autista
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BPC	Programa de Benefício de Prestação Continuada
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior
CARS	<i>Childhood Autism Rating Scale</i> (Escala de Avaliação do Autismo na Infância)
CID	Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde
CF	Constituição Federal
CMEB	Centro Municipal de Educação Básica
COVID-19	Corona Vírus Disease 2019
DSM	Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais
ECA	Estatuto da Criança e Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFES	Instituto Federal do Espírito Santo
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
ONU	Organização das Nações Unidas
PECS	<i>Picture Exchange Communication System</i>
PNE	Plano Nacional de Educação
PEI	Plano de Ensino Individualizado
PNEEPEI	Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva
PROFEI	Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva
SA	Síndrome de Asperger
SRM	Salas de recursos Multifuncionais
TEA	Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

	MEMORIAL.....	13
1	INTRODUÇÃO.....	16
2	METODOLOGIA.....	19
3	FUNDAMENTOS DA INCLUSÃO NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA.....	21
3.1	Atendimento Educacional Especializado – AEE.....	27
4	O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): CARACTERÍSTICAS GERAIS.....	31
5	A IMPORTÂNCIA DA ROTINA PARA ESTUDANTES COM TEA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	39
5.1	Plano de Ensino Individualizado (PEI).....	44
5.2	Tipos de Rotinas.....	50
5.3	Exemplos de Rotina para estudante com TEA	66
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
	REFERÊNCIAS.....	77
	ANEXOS.....	82
	PRODUTO EDUCACIONAL.....	86

MEMORIAL

Minha trajetória acadêmica iniciou-se na Graduação em Pedagogia, em Vitória - ES, no período de 2007 a 2011. Após a conclusão, fiz quatro cursos de pós-graduação lato sensu: um em Alfabetização e letramento nas séries iniciais e na educação de jovens e adultos (EJA), um em Educação Inclusiva e diversidade, um em Libras e outro em Gestão Educacional, com intuito de aprimorar os conhecimentos adquiridos na graduação.

Desde o período da graduação, as aulas que mais aguçavam minha curiosidade foram aquelas voltadas para a Educação Especial; Isso porque, além de uma demanda profissional, eu tenho um filho chamado Fábio e que possui o Transtorno do Espectro Autista. Nesse sentido, tenho direcionado minha formação a diversos cursos na área da deficiência visual, intelectual e auditiva, sempre me aprofundando nessas temáticas, visando desenvolver um melhor trabalho com os estudantes e compreender as necessidades do meu filho. Como fruto desses cursos, publiquei dois artigos em 2016 intitulados: “Educação inclusiva em sala regular de ensino: como estão sendo incluídos os alunos de hoje”, que explana sobre a escolarização de estudantes com deficiência no âmbito escolar, refletindo sobre o benefício que a rotina traria para esses estudantes, o que acabou sendo o foco deste trabalho, e o artigo “Implementação de políticas públicas de inclusão para alunos com deficiência,” com abordagens e legislações vigentes que norteiam a inclusão dos estudantes com deficiência, contribuindo com o trabalho no que tange à legislação. Também participei de um capítulo do livro: “Perspectivas da Educação História e Atualidades”, publicado em 2022, com a temática “O auxílio da tecnologia para os alunos com Transtorno do Espectro Autista no âmbito escolar”, apresentando os recursos tecnológicos disponíveis para auxiliar os estudantes autistas na organização das atividades escolares e assim colaborando com professores quanto às sugestões que podem ser utilizadas por esses estudantes – elucidadas, também, neste trabalho.

Ainda no 3º período da graduação em Pedagogia, no ano de 2008, estagiei em uma escola de educação infantil ao mesmo tempo que iniciei um trabalho de pesquisa para a Prefeitura Municipal de Vitória - ES, com o Programa de Benefício de Prestação Continuada (BPC), em que entrevistei famílias que recebiam benefícios por terem crianças com deficiência. Ao final deste processo, percebi o quanto estava envolvida em auxiliar essas famílias, mesmo que fosse dentro do espaço escolar.

Em 2012, após a conclusão da Graduação, fui convocada para trabalhar na escola “EMEF Professor Cerqueira Lima” pela Prefeitura Municipal de Cariacica, onde permaneci por um ano nos dois turnos. No período de 2013 a 2019, fui contratada pelas Prefeituras Municipais de Vitória e Serra para trabalhar como professora especialista em Educação Inclusiva, atuando nos dois turnos com estudantes público-alvo da educação especial nas áreas de deficiência intelectual e deficiência visual.

No início do ano de 2020, me efetivei na Prefeitura Municipal de Aracruz, atuando na escola “CMEB Álvaro Souza” como professora regente ministrando aulas para a turma do 3º ano do Ensino Fundamental. Nessa turma, havia estudantes com laudo de deficiência intelectual, visual e outros em avaliação médica. Precisei preparar atividades para todos esses estudantes, flexibilizando o currículo para que pudessem acompanhar minhas aulas.

Nesse mesmo período, precisei me organizar para acompanhar meu filho no ensino médio integrado ao curso técnico em Química do Instituto Federal do Espírito Santo – IFES onde, em parceria com a instituição de ensino meu filho, pude participar ativamente de todo o processo escolar com o máximo de autonomia. A escola elaborou todo o cronograma escolar e o Plano de ensino individual (PEI) por disciplina e trimestre, passando todas as informações com antecedência. Com base nesse material, montamos uma rotina em forma de lista no Word que era atualizada diariamente com horários de estudos, cronograma de provas, simulados e atividades avaliativas. Toda essa dedicação entre escola e família foi fundamental para a permanência, participação e conclusão de sua escolarização.

Ainda em 2020 surgiu a possibilidade de participar do processo seletivo para o Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI), em que vi a oportunidade de conhecer novos caminhos no desejo de adquirir novos aprendizados em relação à educação inclusiva.

Atualmente, como professora regente efetiva no município de Aracruz, acompanho diariamente estudantes com deficiência em minha turma e as trocas de experiências no Mestrado foram de grande contribuição para o desenvolvimento de minhas atribuições profissionais. Para além disso, a investigação da temática envolvendo a importância da rotina escolar para estudantes com TEA no Ensino fundamental, vem trazendo uma nova perspectiva de atuação, de maneira a beneficiar ainda mais esses estudantes.

1 INTRODUÇÃO

O tema desenvolvido neste trabalho aponta a importância da rotina escolar para estudantes com transtorno do espectro autista (TEA), especialmente na primeira etapa do Ensino Fundamental. Este tema sobreveio diante de minhas experiências como docente e mãe.

Conforme relatado no memorial, desde 2012 trabalho com educação inclusiva em sala comum e sempre busco aprimoramento profissional, visando oferecer uma educação equitativa aos estudantes. A questão da rotina escolar, como objeto de estudo, decorreu de preocupações de melhor atender esses alunos e de experiências vividas com meu filho Fábio, intensificadas no decorrer da pandemia da Covid-19¹.

A suspensão das aulas presenciais e a necessidade de adaptação ao modo não presencial no processo de ensino gerou ansiedade em meu filho, assim como em meus alunos autistas. Diante das dificuldades, observei que se não houvesse uma organização de suas atividades no tempo e espaço, ele ficaria entregue a movimentos estereotipados ao longo de todo o dia. Com base no material enviado pela escola, organizei uma rotina e percebi que, por meio dela, foi possível não apenas garantir que as atividades fossem realizadas e encaminhadas nos devidos prazos a seus professores, mas oferecer um amparo para que tais atividades fossem realizadas com qualidade, cumprindo seu papel no desenvolvimento dele. Diante dessas observações, surgiram alguns questionamentos: A organização de uma rotina escolar para os estudantes com autismo traz benefícios a eles? Se sim, como se dá esse processo? Como o professor poderia se organizar nesse sentido?

De acordo com a lei nº 12.764/12, referente à Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, o autismo envolve dificuldades na área da comunicação e interação social bem como padrões em comportamentos, interesses e atividades. Rocha (1996), em uma abordagem neurológica, cita a questão da ansiedade no autismo e deficiências funcionais. Ellis (1996), por sua vez, destaca a questão da resistência à mudanças, apegos diversos

¹ Os coronavírus (CoV) são uma grande família de vírus que causam doenças que variam do resfriado comum a doenças mais graves, como a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS-CoV) e a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS-CoV). O novo coronavírus é uma nova cepa que ainda não havia sido identificada em humanos. Os coronavírus são zoonóticos, o que significa que são transmitidos entre animais e pessoas. Durante o período da pandemia as aulas foram suspensas, em decorrência da alta contaminação. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/20-1-2020-opas-emite-alerta-epidemiologico-para-americas-sobre-novo-coronavirus>. Acesso em: 23 mar. 2021.

e excesso de movimentação física.

Diante de tais considerações, em estudos preliminares, observou-se que a rotina poderia contribuir a muitas dessas características dos estudantes com TEA. Assim, esta pesquisa se justifica pelo fato de que a rotina, no caso específico do quadro de estudantes autistas, poderia trazer uma organização às atividades desses estudantes no que concerne não só às áreas a serem trabalhadas mas, também, à sua distribuição e formas de realização, trazendo uma flexibilização ao processo de ensino.

Nesse contexto e, assim organizado, a rotina também colaboraria ao desenvolvimento da autonomia dos estudantes diante da organização de seu processo de aprendizagem, conforme aponta Barbosa (2006). Na mesma lógica, Silva (2012) enfatiza que a rotina traz minimização da insegurança e possibilidade de trabalho com a flexibilização da resistência à mudanças, no ponto em que tais experiências podem ser trazidas para o contexto da rotina gradualmente.

A partir das referidas considerações, o objetivo geral deste trabalho é investigar a importância da rotina para estudantes com TEA no ensino fundamental, de maneira a contribuir com os professores neste cenário. De acordo com este objetivo geral, definiu-se como objetivos específicos: 1 – Compreender as características gerais do TEA; 2 – Identificar os impactos que a rotina pode ter à vida escolar desses estudantes e 3 – Apresentar sugestões que orientem a organização de rotinas escolares pelos professores.

Buscando atingir os objetivos, este estudo bibliográfico baseou-se na Constituição Federal (1988), no Estatuto da Criança e Adolescente (1990), na Declaração de Salamanca (1994), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001), na Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (2012), entre outras, além de pesquisadores que discutem a rotina, como Barbosa (2006), Nepomuceno (2015), Belizário e Cunha (2010) e Silva (2012).

Este trabalho está estruturado da seguinte maneira: inicia-se pela introdução relativa aos aspectos gerais do estudo e explanação da metodologia abordada. Em seguida, o leitor encontrará uma contextualização a respeito da inclusão do estudante com TEA e alguns fundamentos gerais do autismo e de suas formas de expressão, seguida da discussão acerca da importância da rotina para esses estudantes. O trabalho se encerra com as Considerações finais e a apresentação do Produto

Educacional, um guia com sugestões para professores na organização de rotinas que melhor atendam as especificidades dos estudantes com TEA no âmbito escolar.

2 METODOLOGIA

Para Morin (2001), a ciência está relacionada a construções constantes, envolvendo teorias e concepções diversas:

Ciência vem do latim (*scientia*) e significa conhecimento, sabedoria. A ciência tem como base um corpo de princípios, de teorias organizadas metódica e sistematicamente, construindo uma área do saber humano, relativa a um fenômeno ou objeto de estudo. (MORIN, 2001, p. 6)

De acordo com Alves (2002), a ciência busca responder às necessidades de compreensão da humanidade, de maneira que a vida fique melhor. Desta forma, através deste estudo, pretende-se compreender com abrangência a importância da rotina escolar entre estudantes autistas, o que leva a contribuir com os professores na implantação desta prática no ensino fundamental.

Esta investigação qualitativa, de caráter eminentemente teórico, apoiou-se na pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica, para Lakatos e Marconi (2001, p. 183):

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...]. (LAKATOS; MARCONI, 2011, p. 183)

No caso desta pesquisa, foram realizados levantamentos bibliográficos em importantes bases de dados, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior (CAPES) e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Foram utilizados como descritores: “autismo e rotina”, “rotina, autismo e escola” e “rotina escolar”.

De todo o material obtido, algo em torno de 1.200 publicações, foram selecionadas apenas as produções que contribuiriam diretamente à temática da pesquisa. O fato do tema estar relacionado ao ensino fundamental reduziu drasticamente a quantidade de materiais selecionados, tendo em conta que a maior parte das publicações a respeito de rotina escolar envolve a educação infantil.

A pesquisa bibliográfica consiste, conforme explica Vergara (2005), em um estudo sistematizado dos materiais disponíveis. Neste processo, Gil (1999) destaca a pesquisa exploratória, que se centra no estudo das variáveis e relações de causa e efeito relacionados a esse fenômeno estudado.

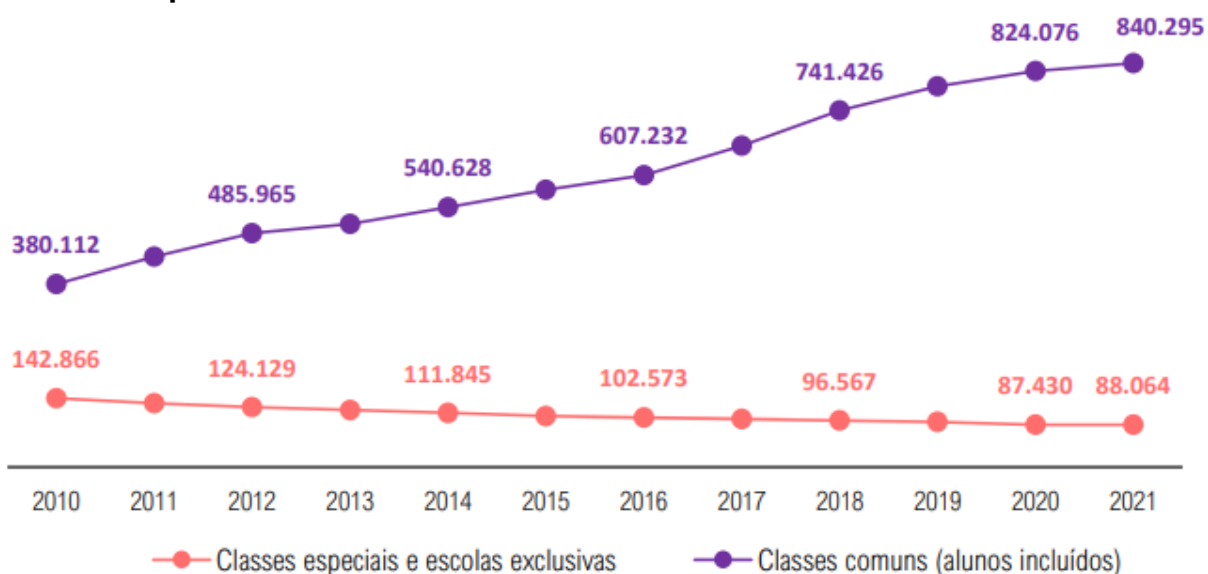
Com base nos descritores elencados para a pesquisa, foram realizadas leituras analíticas do material, buscando-se compreender o autismo, as características gerais deste transtorno, os fatores intervenientes e como a rotina, em especial a escolar, poderia contribuir aos estudantes. Segundo Gil (1999), a leitura analítica visa encontrar respostas aos problemas postos no estudo.

Os resultados da pesquisa bibliográfica, somada às minhas experiências como professora e mãe, resultaram no produto educacional que consiste em um guia com sugestões sobre rotinas para os professores do ensino fundamental.

3 FUNDAMENTOS DA INCLUSÃO NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA

O Censo Escolar da Educação Básica de 2021 destaca um aumento considerável em matrículas de alunos da educação especial em salas comuns do ensino fundamental na rede pública, como pode ser observado abaixo:

Gráfico 1 – Evolução das matrículas de educação especial no ensino fundamental por local de atendimento – Brasil: 2010 – 2021

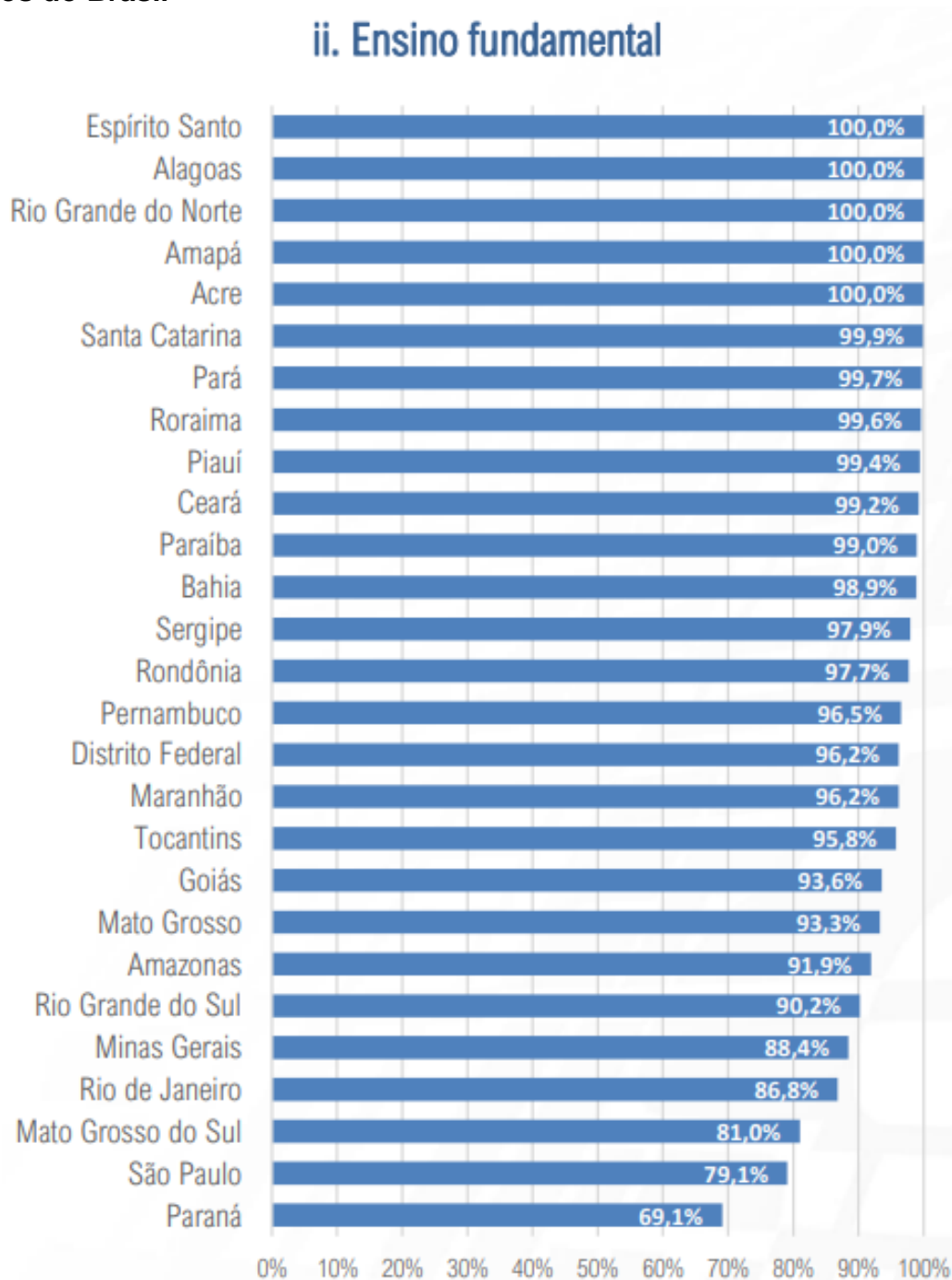


Fonte: INEP/ Censo Escolar, 2021.

Neste gráfico, é demonstrada a evolução das matrículas de estudantes com deficiência nas escolas de classe comum, como determina o Decreto nº 6.094/2007 (BRASIL, 2007). Este decreto estabelece, dentre as diretrizes do Compromisso Todos pela Educação, a garantia do acesso e permanência no ensino regular e o atendimento às necessidades educacionais especiais dos estudantes, fortalecendo a inclusão educacional nas escolas públicas.

A seguir, a distribuição do percentual de alunos incluídos pelos Estados do Brasil:

Gráfico 2 – Alunos incluídos no ensino fundamental em salas comuns nos Estados do Brasil

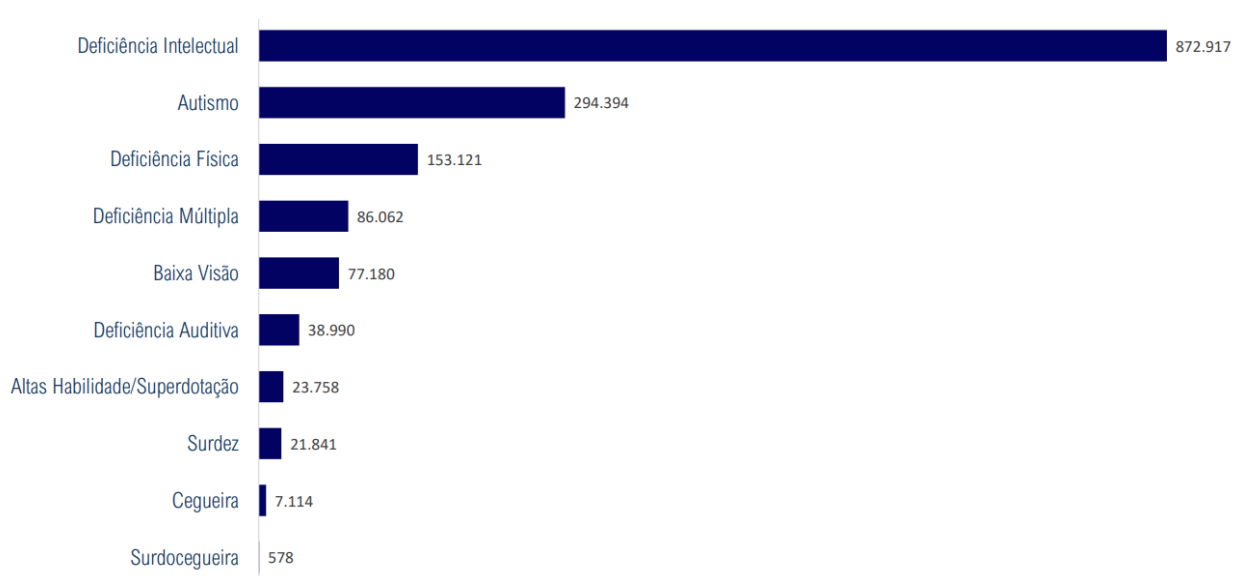


Fonte: INEP/ Censo Escolar, 2021

Conforme observado no Gráfico 2, os Estados com maior expressividade em alunos incluídos são: Espírito Santo, Alagoas, Rio Grande do Norte, Amapá e Acre. Importante destacar que mais de 80% dos Estados brasileiros apresentam índice de cerca de 90% de inclusão de estudantes com deficiência em salas comuns.

Com relação às matrículas por tipo de deficiência, o Censo 2021 apontou:

Gráfico 3 - Matrícula na educação especial por tipo de deficiência, transtorno global do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação – Brasil 2021



Fonte: INEP/ Censo Escolar, 2021

Por meio dos três gráficos, chega-se ao contexto profissional da autora deste trabalho: professora em sala comum, atuando no interior de um dos Estados brasileiros cujo índice de inclusão de estudantes autistas é altíssimo.

O que tem permitido o acesso significativo de estudantes com TEA à rede pública de ensino é o amparo legal. Se observarmos o histórico da organização da educação especial no Brasil, observa-se que as políticas que regem a educação do estudante com TEA é uma das mais recentes comparado às legislações anteriores como a Constituição Federal (1988), a Declaração de Salamanca (1994), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001), a Política Nacional na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), entre outras.

Ainda que haja um número expressivo em matrículas de estudantes com autismo no sistema público de ensino, a sua inserção no ambiente é alvo de questionamentos na sociedade, tendo em conta as particularidades comportamentais do espectro. Para que haja uma compreensão dos motivos que levam à inclusão dos estudantes em sala de aula comum, é necessário destacar que o autista é considerado público-alvo da educação especial pelo fato de envolver uma deficiência. As pessoas com deficiência assim são vistas perante a Convenção da ONU (2009):

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas. (BRASIL: 2009, p. 3)

Conforme as Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado (BRASIL, 2008), o público da Educação Especial é composta por crianças que apresentam:

- a) Deficiência: aqueles com impedimentos de longo prazo, seja física, intelectual, mental ou sensorial que, em interação com diversas barreiras, podem ter restringida a sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade;
- b) Transtornos Globais do Desenvolvimento: aqueles com quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotípias motoras. Incluem-se nessa definição Autismo clássico, Síndrome de Asperger, Síndrome de Rett, Transtorno Desintegrativo da infância (psicoses) e Transtornos invasivos sem outra especificação;
- c) Altas Habilidades/superdotação: aqueles que demonstram um potencial elevado e grande envolvimento com as seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotora e artes; também apresenta elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse. (BRASIL, 2008, p. 2 – grifo nosso)

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) estabelece a Educação Especial como modalidade de ensino que atravessa todos os segmentos da escolarização, oportunizando a todos os estudantes estarem juntos na instituição de ensino, respeitando as diversidades existentes. Portanto, o estudante com TEA tem direito ao acesso e permanência escolar que, uma vez negado, traz sérias complicações aos responsáveis:

O gestor escolar, ou autoridade competente, que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 a 20 salários-mínimos. Em caso de reincidência, haverá a perda do cargo. (BRASIL, 2012, p.3)

Para Alonso (2013), trabalhar com todas as crianças em um mesmo espaço escolar significa conceber as diferenças entre os estudantes como eixos para a prática pedagógica. As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica garante:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas

organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (MEC/SEESP, 2001).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), no artigo 53, detalha:

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa [...] assegurando:
I. Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
II. Direito de ser respeitado por seus educadores [...];
V. Acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.
(BRASIL, 1990, p. 18).

Dentre o oferecimento de condições para o estudante com TEA, a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (2012), conhecida como a lei Berenice Piana, aponta:

Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado. (BRASIL, 2012, p. 1).

Não é raro que estudantes com TEA, em razão de suas características e níveis de dependência, necessitem de um profissional que os apoiem na escola. Este profissional, denominado estagiário, cuidador, monitor, tutor etc, acompanha os estudantes em suas necessidades e constitui elemento central quando se pensa na questão da rotina. Isso porque, em termos gerais, é essa pessoa que orienta, antecipa os fatos, direciona os estudantes quanto à organização das atividades e media conflitos. A Lei nº 13.146/2015 define como profissional de apoio “[...] a pessoa que auxilia na alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e nas atividades escolares em todos os níveis e modalidades de ensino” (BRASIL, 2015).

Não obstante haja a presença deste profissional, este, na maioria dos casos, não atende ao nível de especialização enunciado na Política Nacional da Pessoa com Deficiência (2012), já que são admitidas pessoas com nível de ensino médio como formação mínima mas que, inicialmente, atende a necessidade desse estudante.

As condições para acesso e permanência dos estudantes com TEA envolve uma forma mais adequada dos cuidados e também dos professores das salas de aula comuns. Tal processo é importante para que barreiras à aprendizagem desses estudantes sejam minimizadas em um contexto coletivo. Para Veiga e Viana (2010):

A formação é um processo, por isso, inacabado, não avança no isolamento, no individualismo. O compartilhar é imprescindível para que haja crescimento pessoal e coletivo. O homem, como ser em construção, precisa assumir um compromisso intencional com sua prática, da qual ele é construtor a partir do que projeta e idealiza para atingir seus objetivos, pautados não em interesses individuais, mas coletivos (VEIGA; VIANA, 2010, p. 32).

Veiga e Viana (2014, p. 27) destacam que o contexto atual aponta para a necessidade de “um professor que se revele claro, interessante e teoricamente competente para o papel de agente social interveniente, criador de um processo educativo, social e ético, no sentido de compreender as finalidades sociopolíticas e pedagógicas da educação”. Na dimensão da Educação Inclusiva, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica (2002) definem que:

As instituições de ensino superior devem prever, em sua organização curricular, formação docente voltada para a atenção à diversidade e que contemple conhecimentos sobre as especificidades dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. (BRASIL, 2002, p. 4, grifo nosso)

Como prevê a própria Constituição Federal (1988), ao invés de focar o atendimento segregando os alunos, a orientação é dar apoio aos professores e permitir que estes e os especialistas trabalhem cada vez mais em conjunto. No mesmo sentido, a Declaração de Salamanca (1994) proclama princípios, políticas e linhas de ação para uma escola inclusiva que receba a todos, reconheça as diferenças e promova a aprendizagem, atendendo às necessidades de cada um. Esse trecho da Declaração faz jus ao preceito da Constituição Federal (1988, p. 115), que estabelece a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola”. Para materializar esses direitos, as Diretrizes operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na educação básica (2008) define que a Educação Especial tem como proposta de trabalho a articulação entre a sala de aula regular e a sala de recursos multifuncionais (SRM).

Como consequência, dentro da escola de educação básica pode haver um espaço para a sala de recursos multifuncionais com materiais didáticos e pedagógicos adequados, mobiliário e recursos de acessibilidade para a realização do atendimento educacional especializado. O Ministério da Educação instituiu o Programa de Implantação das SRM por meio da Portaria nº. 13, de 24 de abril de 2007. Para que a

escola receba os recursos necessários para implantar esta sala, é necessário que o gestor providencie um professor de educação especial e o espaço físico – tanto em escolas públicas, como privadas:

As escolas de ensino comum e privadas devem garantir o acesso dos alunos às classes comuns, promover a articulação entre o ensino regular e a educação especial, contemplar a organização curricular flexível, valorizar o ritmo de cada aluno, avaliar suas habilidades e ofertar o Atendimento Educacional Especializado. (MEC/SEESP, 2010).

No Atendimento Educacional Especializado (AEE), o estudante tem um acompanhamento mais direcionado às suas necessidades, de forma individualizada ou em pequenos grupos, com foco maior em suas potencialidades.

3.1 Atendimento Educacional Especializado – AEE

De acordo com o Decreto nº 7.611/2011, que dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado implica em um conjunto de atividades organizadas com o objetivo de complementar a formação dos estudantes. O AEE pode fazer parte da proposta pedagógica da escola, envolvendo as famílias e as necessidades do público da educação especial, de forma a atingir os seguintes objetivos:

- I – Prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular e garantir serviços de apoio especializado de acordo com as necessidades individuais dos estudantes;
- II – Garantir a transversalidade das ações da educação especial no ensino regular;
- III – Fomentar o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem; e
- IV – Assegurar condições para a continuidade de estudos nos demais níveis, etapas e modalidades de ensino. (BRASIL, 2011, p. 1-2)

As atividades que podem envolver o trabalho realizado no AEE são as seguintes, conforme aponta o Guia de atendimento Educacional Especializado (2019): informática; recursos de tecnologia assistiva; atividades individuais ou em grupos (pequenos); situações que envolvam a criação de autonomia, que favoreçam a comunicação e as interações; atividades que envolvam questões esportivas, culturais; cadernos de pauta ampliada; técnicas para a locomoção na escola; segurança,

comunicação alternativa e outros recursos que possam ser úteis aos estudantes com TEA, a partir de suas características.

Fávero, Pantoja e Mantoan (2007) reforçam que o AEE acrescenta conhecimentos ao estudante. A Política Nacional de Educação Especial (2008) define que o trabalho do AEE pode ser articulado com o professor regente e vinculado à acessibilidade curricular, cabendo à instituição de ensino planejar de forma coletiva ações educativas a fim de atender às especificidades do ensino-aprendizagem e avaliação desses estudantes.

Batista e Mantoan (2006) apontam que esse atendimento é diferente da escola comum, sendo o trabalho voltado para as características de cada estudante, oportunizando um melhor desenvolvimento e superação de suas fragilidades, por isso o nome de "atendimento":

[...] o atendimento educacional especializado pode desenvolver o conhecimento que permite ao aluno a leitura, a escrita e a quantificação, conforme a necessidade e interesse de cada um, sem o compromisso de sistematizar essas noções, como é o objetivo da escola (BATISTA & MANTOAN, 2006, p. 126).

Os autores mencionam que na sala de AEE pode acontecer a formação de turmas heterogêneas, pois a aprendizagem cooperativa é importante para as novas descobertas. Desse modo, mesmo havendo diferenças quanto às deficiências, a faixa etária deve ser a mesma entre os alunos em dada turma. Seguindo o argumento, completa Rodrigues (2006, p. 302):

[...] a escola que pretende seguir uma política de educação inclusiva (EI) desenvolvendo políticas, culturas e práticas que valorizam a contribuição ativa de cada aluno para a formação de um conhecimento construído e partilhado, desta forma, atinge a qualidade acadêmica e sociocultural sem discriminação. A inclusão, direcionada para a educação, traz consigo um objetivo, que é oportunizar a diferença no contexto escolar e possibilitar seu acesso ao conhecimento (RODRIGUES, 2006, p. 302).

Como cita Gil (2011), todas as pessoas são especiais, únicas, apresentando facilidades e dificuldades em áreas específicas. Segundo ele, é necessário explorar o potencial de cada criança. Kupfer (2007) acrescenta que a inclusão é fundamental no desenvolvimento desse potencial, uma vez que oportuniza experiências importantes para a transformação humana.

O contato social com crianças com necessidades especiais é importante também para os demais alunos, que aprendem a lidar com as diversidades, quebrar preconceitos e construir um mundo mais tolerante e solidário (SILVA, 2012, p.80).

Kupfer (2007) destaca, portanto, a importância do espaço escolar como oportunidade para vivências e construções emocionais da infância. Cada vez mais a criança moderna tem estado ligada à escola, lugar que lhe possibilita a inserção social, a constituição na experiência, o que garante identidade à criança na relação com outras crianças:

[...] A história sublinha então uma dimensão da infância que é dada pelo campo social, que a enquadra, lhe dá significação e interpretação. O campo social também define um tempo para essa infância, que é justamente a escolarização obrigatória (KUPFER, 2007 p.36).

Segundo as Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica (2001), a escola inclusiva só pode ser efetivada enquanto prática se houver suporte para uma atuação pedagógica que explore essas múltiplas possibilidades de desenvolvimento infantil, sobretudo em relação aos estudantes com TEA, que podem ter especiais dificuldades nas interações:

O conceito de escola inclusiva implica uma nova postura da escola comum, que propõe no projeto pedagógico – no currículo, na metodologia de ensino, na avaliação e na atitude dos educadores – ações que favoreçam a interação social e sua opção por práticas heterogêneas. (BRASIL, 2001, p. 34).

Mantoan (2006, p. 185) dimensiona a “educação como direito humano para todos, sem restrição” e entende que a função da escola é "educar para a liberdade, para a expressão máxima da capacidade de cada um e para a cooperação e o entendimento entre as pessoas". Por esta razão, Lira (2004), Giardinetto (2009), Ferreira & Guimarães (2003) e a própria Mantoan (2006) recomendam que todo o processo de ensino seja organizado e desenvolvido em conformidade com as características de cada estudante.

Taylor (1994) indica que, em relação às pessoas com transtorno global do desenvolvimento, é interessante destacar a importância não só do reconhecimento à diferença, como também das respostas dadas a essas diferenças. Para isto, Mantoan (2006) pontuou a necessidade de potencializar os docentes com cursos que incentivem estratégias educacionais para desenvolverem o processo de ensino e de

aprendizagem com todos os discentes.

A Convenção de Guatemala (2001), decreto nº 3.956, também reforça a não realização de tratamentos desiguais tendo como critérios as deficiências. Não basta aceitar a matrícula ou providenciar a interação social: é preciso que essas crianças aprendam e se desenvolvam.

Nesta dinâmica, como aponta Silva (2012), a escola precisa de profissionais que se envolvam com a missão de trabalhar em prol do desenvolvimento integral dos estudantes a partir de práticas adequadas a um desenvolvimento efetivo. A escola viabiliza, pois, condições de acesso e permanência desses estudantes, oferecendo condições para que aprimorem suas habilidades e avancem em seu processo de escolarização.

Em virtude disso, segundo Baptista (2002), o currículo pode ser visto como um projeto de vida dinâmico, flexível às diferenças, que prevê experiências e oportuniza vivências compartilhadas. Deve ser implementado como um projeto em construção permanente, respeitando as ideias, os interesses e convidando os alunos para novos desafios e projetos:

O uso de métodos ativos e de uma pedagogia de projetos tem o propósito de colocar o aluno diante de uma tarefa capaz de mobilizá-lo com o objetivo de chegar a aprendizagens precisas. Exige, ao mesmo tempo, instruções e materiais, cuja interação cria o que chamamos de uma situação-problema. Para que a situação seja mobilizadora, o aluno deve perceber o seu sentido, enfrentando-a em sua complexidade para que essa não se dilua em exercícios justapostos (BAPTISTA, 2002, p. 14).

A partir da apresentação geral de aspectos que envolvem a inclusão dos estudantes com TEA, a próxima seção dedicará a apresentar as características do transtorno, de maneira a justificar a relevância da rotina escolar entre estudantes no espectro.

4 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): CARACTERÍSTICAS GERAIS

Na seção anterior, com base nos dispositivos legais, ficou patente a necessidade de se conhecer os estudantes com TEA para que seja possível ao professor pensar e implementar práticas inclusivas que estejam adequadas e sejam fontes de desenvolvimento.

Diante disso, nesta seção serão exploradas algumas características gerais desse transtorno, bem como suas formas de expressão entre os estudantes, buscando delinear possíveis necessidades educativas decorrentes, o que pode orientar o professor na organização do trabalho pedagógico.

É importante considerar, nesta ocasião, que o trabalho do professor estará fortemente relacionado à concepção que ele tenha a respeito dos estudantes com TEA, razão pela qual é recomendável que ele se posicione a partir de um domínio teórico. É relevante lembrar a questão da importância da formação inicial e continuada no processo.

Por mais que sistematizar a história do autismo não seja o escopo do trabalho, faremos uma breve apresentação do desenrolar dos estudos em uma perspectiva mais ampla, com base em Tendlarz (2017).

A primeira pessoa a descrever o autismo foi o psiquiatra Eugen Bleuler, em 1911, porém utilizando o termo para abarcar um grupo de sintomas relacionados à esquizofrenia. Já em 1943, o psiquiatra austríaco Leo Kanner publicou a obra “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, definindo as características através da observação de um grupo de crianças com comportamentos específicos, marcados por dificuldades nas interações sociais, isolamento e estereotípias, perceptíveis na primeira infância.

Em 1944, o pediatra vienense Hans Asperger publicou o artigo intitulado “A psicopatia autista na infância”. O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com 100 crianças, no que alcançou-se resultados parecidos com Kanner no que concerne às características do autismo. Asperger descortinou, no autismo, uma incidência maior em meninos, falta de empatia, dificuldade em fazer amigos, conversação unilateral, foco intenso e movimentos descoordenados. Além dessas características, encontrou tendência a altas habilidades, com destaque para a lógica e a capacidade de distração entre as crianças estudadas.

Após esse período, a partir de Kanner observa-se um movimento de trazer para

o âmbito das relações afetivas as possíveis razões para o autismo. Por fim, já em 1978, o psiquiatra Michael Rutter classificou o autismo como um distúrbio do desenvolvimento cognitivo a partir da definição de quatro critérios: atraso e desvio sociais, problemas de comunicação, comportamentos incomuns e movimentos estereotipados e maneirismos, com início antes dos 2 anos e meio de idade.

Tendlarz (2017) revela que entre os autores da psicanálise, há uma ideia comum quando se fala sobre autismo: “uma patologia arcaica que leva [a pessoa] a se defender de angústias e terrores catastróficos” (TENDLARZ, 2017, p. 2). Lacan foi um dos autores a desenvolver a ideia de autismo como uma quarta estrutura, com base em uma análise das particularidades da formação subjetiva.

Segundo Rocha (1996), a etimologia da palavra autismo remete ao “grego “autós”, que significa “de si mesmo”. Para o autor, o autismo constitui um “distúrbio de desenvolvimento, causado por uma disfunção neurológica” (Idem), envolvendo características diversas:

Muitas características encontradas no Transtorno do Espectro Autismo existem em outros distúrbios de desenvolvimento, tais como: deficiência mental, distúrbios de aprendizagem e distúrbios da linguagem. Alguns são vistos em algumas condições psiquiátricas, tais como o distúrbio obsessivo-compulsivo, personalidade esquizóide e distúrbios de ansiedade. O que distingue o autismo é a quantidade, a gravidade, a combinação e a interação de problemas que resultam em deficiências funcionais significativas. O autismo é um conjunto de déficits e não uma característica isolada (ROCHA, 1996, p. 1).

Em pesquisa sobre autismo, Orrú (2004) constatou que um bebê de dois a quatro meses já tem condições de reagir a alguns estímulos, como à voz da mãe ou desconfortos. No caso de um bebê autista, diante desses mesmos estímulos este pode não reagir da mesma forma:

Pessoas com autismo, em geral, reagem de forma diferente. Falta-lhes a discriminação emocional, a empatia com o outro e a manifestação do desejo por algo. Percebe-se o desinteresse e falta de iniciativa desses bebês diante de móveis pendurados ou outros objetos colocados em seus berços. Normalmente, por volta dos quatro aos oito meses de idade, a criança já demonstra o desejo de alcançar o objeto, pegar e trazê-lo consigo, levando-o à boca ou jogando-o ao chão (MONTEIRO, 2011, p. 12).

A respeito desse mesmo aspecto, Ellis (1996) destaca que os indivíduos com autismo agem como se estivessem em um mundo à parte. Como principais

características, aponta:

Distúrbio no contato afetivo, dificuldade na linguagem, gestos estereotipados, dificuldade de inserção social, boa memória e resistência a mudanças. Algumas agem como se não escutassem e indicam suas necessidades gesticulando, não evidenciam medo, mesmo diante de perigos reais, possuem excesso de movimentação física, contato visual indireto, riso inapropriado; apego exagerado por objetos e de preferência pelos giratórios, isolamento, resistência ao aprendizado, entre outras. (ELLIS, 1996, p. 26)

Acrescenta, também, que o autismo causa no sujeito uma perturbação na interação social, fazendo-se necessária intervenção especial, uma vez que:

[...] a perturbação social, muito mais que outros de tais problemas, têm um efeito devastador porque retira aqueles afetados do alcance das fontes ordinárias de aprendizado e do apoio emocional que os outros seres humanos poderiam lhe proporcionar. A menos que a natureza de suas perturbações sejam entendidas e sejam proporcionado ensino hábil e cuidados, as pessoas socialmente perturbadas ficam psicologicamente isoladas em um mundo que elas não podem entender. (ELLIS, 1996, p.26)

Hennemann (2012) destaca que a Neurociência procura estudar as variações entre o comportamento e a atividade cerebral, investigando o sistema nervoso com o propósito de entender o seu desenvolvimento, a sua aparência, funcionamento e alterações.

A Figura 1 mostra como são vistas e explicadas as possíveis alterações no cérebro de um estudante autista:

Figura 1 – Alterações cerebrais no autismo



Fonte: NeuroAvance, 2008.

Reafirmando os pontos elencados na imagem, Cosenza e Guerra (2011) sinalizam alterações quanto à comportamentos, interação social, linguagem e cognição no autismo. Tais alterações estariam relacionadas à estruturas cerebrais prejudicadas:

O autismo é um transtorno neurobiológico do desenvolvimento que tem uma ordem genética poligênica que pode afetar muitos órgãos, mas com predomínio da alteração do funcionamento do sistema nervoso central. Particularmente, algumas estruturas, como o córtex cerebral, o cerebelo e áreas do sistema límbico, parecem estar prejudicadas. (COSENZA & GUERRA, 2011, p. 132)²

Ainda de acordo com Cosenza e Guerra (2011), as características marcantes seriam os comportamentos estereotipados, as dificuldades de comunicação e de cognição. Devido ao componente genético, afirmam que o transtorno costuma ocorrer

² A opção teórica deste trabalho é pela neurologia, de caráter mais biológico, porém há outras matrizes e linhas teóricas que analisam e discutem o autismo.

quatro vezes mais em meninos que em meninas, reafirmando a característica encontrada por Asperger. Considerando os pontos levantados, sobretudo em relação à alteração no córtex cerebral, que afeta a capacidade de planejamento, um trabalho na escola a partir de uma rotina organizada pode contribuir estudantes com TEA.

Apesar de muitas pesquisas, como se percebe ao longo do texto, a etiologia do autismo permanece em aberto, porque se trata de um distúrbio complexo, amplo e que envolve uma diversidade de características em vários níveis.

Gauderer (1993) afirma que, para realizar um diagnóstico seguro de autismo, é preciso diversos protocolos, como anamnese, investigação genética e até longas observações comportamentais. Essas pessoas também podem apresentar uma vida comum, da mesma maneira que pessoas comuns podem ter tendências ou características que lembrem o autismo.

Orrú (2004) relata que, para esse diagnóstico, têm-se utilizado o CID 10, DSM V e escala CARS, juntamente com a observação do comportamento. A Classificação Estatística Internacional de Doenças, conhecida pela sigla CID (*International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems*), determina códigos de classificação de doenças e de sintomas. O Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais (DSM-5) define a condução dos diagnósticos de transtornos mentais e é utilizado por psicólogos, médicos e terapeutas ocupacionais. A Escala CARS – *Childhood Autism Rating Scale* (Escala de Avaliação de Autismo da Infância) é um material para avaliação complementar quanto ao autismo e seus níveis (leve, moderado e grave). A Escala possui quinze perguntas e cada resposta equivale à uma pontuação. Ao final, somam-se todos os pontos obtidos e os resultados possíveis correspondem a: Autismo leve: 15-29,5 pontos; Autismo moderado: 30-36,5 pontos e Autismo grave: acima 37 pontos.

Na quinta edição (2013) do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), o Transtornos do Espectro Autista de grau leve, também conhecido como Síndrome de Asperger, é denominado Desordem do Espectro Autista de Nível 1, e possivelmente, esse seja identificado mais tarde do que o autismo típico. Existem três níveis de severidade no autismo, sendo 1 o mais leve, 2 o nível médio/moderado e 3 o grau mais severo, como ilustrado na Figura 2:

Figura 2 – Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais



Fonte: DSM – Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais, 2013.

O Manual para Síndrome de Asperger (*Autism Speaks*) ressalta que nem todas as pessoas com essa síndrome desenvolvem todos os sintomas apresentados. Esses indivíduos geralmente têm sensibilidades sensoriais, costumam ter movimentos estereotipados e repetitivos, apego à rotina, seu foco muda de período em período, sofrendo mais pelo diagnóstico do que os autistas de nível 2 e 3:

Os pacientes com Asperger, diferentemente dos autistas, tendem a ter maior consciência de suas diferenças e a apresentar maior sofrimento devido a isso. Assim, na vida adulta, costumam apresentar sérias dificuldades psicológicas. (TANTAM, 1989, p. 150).

Tendlarz (2017) ressalta que este padrão para diagnóstico adotado no Brasil tem desvirtuado um pouco questões mais profundas e subjetivas que envolvem o autismo, no sentido de ultrapassar uma visão estritamente biologizante. A autora adverte que a classificação leva a uma maciça “epidemia” diagnóstica. Esta análise é muito importante, dada a preocupação em se respeitar os processos individuais na educação inclusiva.

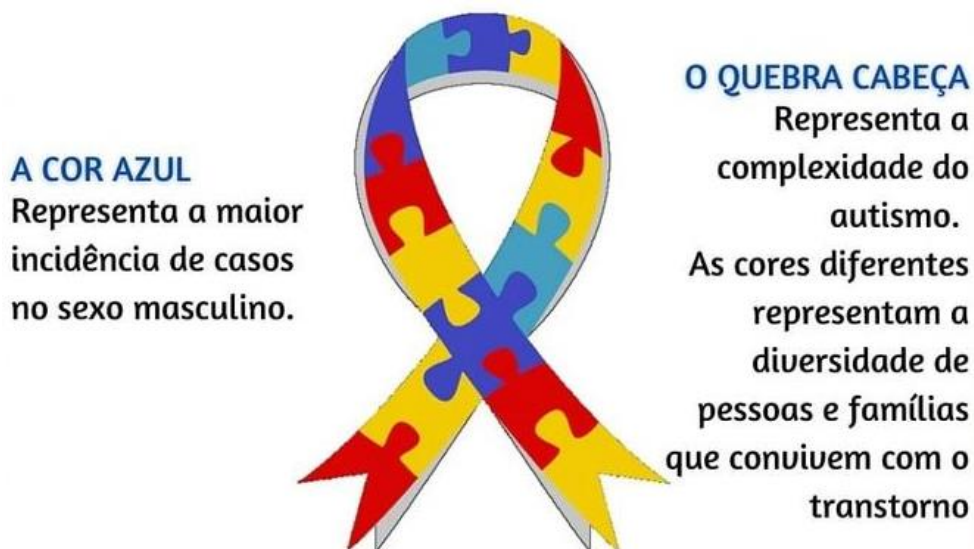
Ao mesmo tempo que neste trabalho busca-se lançar luz à importância da rotina escolar para estudantes autistas, a intenção, ao se propor formas de organização pedagógica, deve-se ao fato das perdas em funções executivas que os acometem e a preocupação em garantir experiências que perpassem, no tempo, as necessidades evidenciadas para cada um deles. Não se trata, portanto, de uma abordagem que prime pelo controle do estudante e de seus processos mentais, compactuando com formas inflexíveis de atividades ou dominação de seus corpos e/ou mentes.

Tecidas as devidas ressalvas quanto ao diagnóstico e intenções desta pesquisa ao abordar a rotina escolar para estudantes com TEA, considera-se importante mencionar, conforme relata Hare (1997), que esse diagnóstico, em geral, só é confirmado entre os cinco e onze anos de idade. Um outro dado interessante é que, para muitas crianças, as características são amenizadas no decorrer da vida adulta.

Para concluir a dimensão histórica do autismo, um grande impulso não apenas às pesquisas mas às formas de organização desta comunidade foi a criação da Associação de Amigos do Autista (AMA). Essa associação, fundada em 8 de agosto de 1983 por um grupo de pais, cuja maioria tinha filhos com autismo, foi um marco como iniciativa nas lutas pelos direitos das crianças, que rapidamente se espalhou pelo país.

Esse movimento é bem representado pelo símbolo do TEA, uma fita de conscientização à causa, divulgado mundialmente e ilustrado pela Figura 3:

Figura 3 – Símbolo representativo do Transtorno do Espectro Autista



Fonte: Auma Autismo, 2021.

Considerando as características gerais dos estudantes autistas, a atuação com estes pode envolver uma equipe multidisciplinar: pedagogo, psicólogo, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, dentre outros.

No que concerne à escola, além do que já foi apontado com relação ao conhecimento do autismo, a ciência quanto aos direitos dos estudantes no que se refere à educação e das diretrizes que envolvem a inclusão, são relevantes à organização de uma rotina escolar condizente com as individualidades desses estudantes. Krasny, Williams, Provencal e Ozonoff (2003) apontam que estruturas visuais e rotinas previsíveis são essenciais para o êxito das intervenções pedagógicas. Dentre outros aspectos, a existência de uma rotina neste contexto pode favorecer.

Um processo educacional que visa atender ao máximo a capacidade da criança portadora de deficiência na escola e na classe regular. Envolve o fornecimento de suporte de serviços da área de educação por intermédio dos seus profissionais. A inclusão é um processo constante que precisa ser continuamente revisto (MRECH, 1998, p.37-38).

A rotina pode direcionar o trabalho pedagógico dentro não somente do que faz sentido a determinado estudante, como materializar um processo constante de reflexão, avaliação e reorganização das atividades pedagógicas. Organizar essas atividades nos tempos e espaços, considerando a rotina da escola como um todo e uma rotina individual, podem constituir um caminho para o desenvolvimento de estudantes mais independentes e protagonistas diante de seu próprio processo de aprendizagem, como será melhor explorado na próxima seção.

5 A IMPORTÂNCIA DA ROTINA PARA ESTUDANTES COM TEA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Considerando toda a discussão realizada até aqui, percebe-se que, por meio da legislação, um dos maiores objetivos da inclusão de estudantes com TEA é trabalhar seu desenvolvimento com destaque à questão da autonomia.

Ao longo do trabalho, buscou-se abordar em linhas gerais o autismo e as características mais comuns de sua expressão para refletir acerca da importância da inclusão e da rotina escolar no desenvolvimento dos estudantes.

Para esta discussão, destacou-se as áreas em que os autistas, tendencialmente, teriam mais dificuldades, exigindo intervenções mais pontuais da escola, e analisou-se como a rotina poderia contribuir no contexto.

Para a retomada das características do autismo, têm-se por definições encontradas na Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (2012, p.1):

§ 1º Para os efeitos desta Lei, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II:

I - Deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - Padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos. (BRASIL, 2012, p.1)

Não apenas nesta legislação, mas nas Diretrizes Operacionais de Educação Especial para o Atendimento Especializado (2008), observam-se alterações em três planos: no desenvolvimento neuropsicomotor, nas relações sociais e estereotípias. Importante lembrar que se tratam de traços gerais, que podem se manifestar em diferentes intensidades em cada pessoa. Para além dessas características, Rocha (1996) aponta a presença de possíveis distúrbios obsessivos-compulsivo e de ansiedade em vários graus.

Diante desse quadro, o autista pode ter diversos tipos de habilidades cognitivas e emocionais afetadas, como é mostrado na Figura 4, que aborda as funções

executivas³ e como estas se apresentam na pessoa com autismo:

Figura 4 – Funções Executivas no Autismo



Fonte: Estou autista, 2017⁴.

A partir dessa ilustração, elaborou-se um quadro mais didático (Quadro 1), no qual sintetiza como os estudantes podem se comportar em relação às habilidades relacionadas à determinadas funções executivas para, posteriormente, discutir as possíveis contribuições da rotina escolar nessa circunstância:

Quadro 1 – Comportamentos dos estudantes autistas em relação às funções executivas

Função Executiva	Habilidade relacionada	Como os autistas se comportam
1- Controle de impulso	Pensar antes de agir	Comportamentos inapropriados; se colocando ou colocando outras pessoas em risco.

³ As Funções Executivas se relacionam com o planejamento, programação e execução de atividades em nosso cérebro (córtex pré-frontal). Pessoas com autismo possuem alterações nessa região cerebral.

⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/estouautista/photos/a.148867701847517/1390559024345039/>>. Acesso: 04 de Abril de 2022

2- Controle emocional	Lidar com os sentimentos	Agir de forma exagerada; não suportar críticas; se isolar quando as coisas não dão certo.
3- Pensamento flexível	Ajustar-se ao inesperado	Pensamento rígido; não conseguem lidar com a adversidade; dificuldade em observar as situações por outros ângulos.
4- Memória de trabalho	Habilidade de guardar informações chave	Dificuldade em se lembrar de direcionamentos, mesmo tendo anotado ou os realizado por diversas vezes.
5- Automonitoramento	Habilidade de se auto-avaliar	Dificuldade em aceitar os erros, os fracassos como notas baixas.
6- Planejar e priorizar	Habilidade de iniciar tarefa (não procrastinar)	Dificuldade em eleger as prioridades em um projeto; dificuldade em resumir, planejar o alcance de um objetivo.
7- Iniciativa de tarefas	Habilidade de decidir	Inércia; não realiza ou inicia a tarefa por não ter clareza por onde ou como começar.
8- Organização	Habilidade de se organizar física e mentalmente.	Não consegue se preparar, organizar as estratégias para executar suas tarefas.

Fonte: Quadro elaborado com base em *Estou autista*, 2017.

Para discutir a importância que a rotina escolar pode ter no trabalho com os estudantes, é necessário situar o que se entende por rotina. Na busca por fontes que conceituassem a palavra “rotina”, surgiram 14.000 resultados, entre dicionários e autores. As fontes mais significativas para a pesquisa foram o dicionário de língua portuguesa e as palavras de Barbosa (2006).

De acordo com o dicionário de Língua portuguesa (2011, p. 439), rotina significa “ação de repetir um evento; hábito”. Em um sentido mais amplo, Barbosa (2006) mostra que “as denominações dadas à rotina são diversas: horário, emprego do

tempo, sequência de ações, trabalho dos adultos e das crianças, plano diário, rotina diária, jornada, etc.” (BARBOSA, 2006, p. 35)

Para Barbosa (2006), as rotinas estão associadas:

As rotinas podem ser vistas como produtos culturais criados, produzidos e reproduzidos no dia-a-dia, tendo como objetivo a organização do cotidiano. São rotineiras atividades reguladas por costumes e desenvolvidas em um espaço-tempo social definido e próximo. É preciso certas ações que com o decorrer do tempo, tornam-se automatizadas. (BARBOSA, 2006, p. 37).

Ainda de acordo com Barbosa (2006), alguns elementos fazem parte da construção da rotina: a organização do ambiente, o tempo, a seleção, as propostas das atividades e a oferta de materiais. Também destaca elementos temporais: periodicidade, alternância, sequência, duração e seriação, afirmando que “uma rotina adequada torna-se um instrumento facilitador da aprendizagem, ela permite que a criança estruture sua independência e autonomia, além de estimular a socialização”. (BARBOSA, 2006, p. 35).

Importante destacar, ainda com base em Barbosa (2006), que a rotina não deve ser confundida com o projeto pedagógico. A elaboração da rotina serve para organizar as atividades escolares do estudante com TEA no tempo e espaço.

A rotina representa a estrutura que será organizado o tempo de trabalho educativo realizado, envolvendo os cuidados, as brincadeiras e as situações de aprendizagens orientadas. A apresentação de novos conteúdos requer diferentes estruturas didáticas, como o desenvolvimento de um projeto, que requer um planejamento com um encadeamento de ações que visam desenvolver aprendizagens específicas. Estas estruturas didáticas contêm múltiplas estratégias que são organizadas em função das intenções educativas, constituindo-se em um instrumento para o planejamento do professor. Podem ser agrupadas em três modalidades de organização do tempo, como atividades permanentes, sequência de atividades e projetos de trabalho. (BRASIL, 1998, p. 54).

A rotina colabora na própria transição dentro do ensino fundamental, isto é, na passagem do 5º para o 6º ano, na qual se verifica uma necessidade ainda maior de organização. Considerando as dificuldades relacionadas às funções executivas apontadas no Quadro 1, se organizar diante do 6º ano com várias disciplinas e docentes, cada qual com suas formas peculiares de trabalho, cadernos e livros, pode trazer ansiedade aos estudantes.

Nesse aspecto, podendo o estudante observar e viver uma regularidade em suas atividades, não apenas poderá se organizar, gradualmente, com autonomia, como a

escola garantirá um trabalho em todos os aspectos planejados para ele. Uma sequência de atividades previsíveis traz mais tranquilidade na realização das tarefas, permitindo início, meio e fim de cada processo.

Belisário e Cunha (2010) sustentam que a rotina para a criança com autismo estimula o aprendizado da espera e trabalha a atenção e concentração, ao mesmo tempo em que organiza o cotidiano. Para que a rotina funcione, é preciso que seja organizada envolvendo várias atividades de seu cotidiano, pois quando a criança é surpreendida por algum acontecimento com o qual não sabe lidar, ela se desorganiza emocionalmente, podendo ficar irritada e perder todo um período dos estudos. Algumas características do autismo, como resistência à mudanças, atividades repetitivas, atenção a detalhes em detrimento do todo e dificuldades em brincar de “faz de conta”, podem estar relacionadas a alterações no funcionamento das funções executivas e uma rotina que mantenha o estudante centrado pode facilitar sua vida escolar.

De acordo com a lei nº 13.146/2015, que Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), as pessoas com deficiência têm o direito a condições de igualdade, visando à inclusão social e à cidadania:

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (BRASIL, 2015)

Ao mencionar igualdade de condições a quem não tem as mesmas características, fica sob os cuidados da escola avaliar o estudante com TEA e oportunizar condições de equidade, sendo a rotina uma das estratégias para que este aluno se aproprie do processo de escolarização.

Apesar da relevância da rotina escolar no autismo, esta estratégia ou termo não comparece na legislação acerca da inclusão e nem do autismo, o que poderia direcionar os professores no importante processo de organização da experiência escolar dos estudantes. Em geral, os professores não sabem por onde começar e a rotina seria uma maneira de levá-los a refletir sobre esse início, tendo em conta que precisam organizar para cada estudante atividades de ensino mais específicas dentro de suas necessidades, e, ao mesmo tempo, manejar situações que possam interferir

nessa experiência. Em razão dessa complexidade, é importante a participação dos professores da sala comum em conjunto com os professores do AEE na organização desses planos.

5.1 Plano de Ensino Individualizado (PEI)

Quando ocorre a matrícula de um estudante com autismo na instituição de ensino, independente do seu nível, é preparado entre o professor regente⁵, o professor de educação especial⁶ e o pedagogo o seu plano de ensino individualizado (PEI), constando todas as estratégias pedagógicas direcionadas para seu processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com o projeto de Lei n.º 5.093/20, em seu artigo 5º, o Plano de Ensino Individualizado é:

O instrumento de planejamento individualizado, destinado a cada educando com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades, elaborado anualmente, em que constarão todos os esforços pedagógicos mobilizados para a aprendizagem do estudante (BRASIL, 2020, p. 4-5).

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) nº 13.146/2015, no art. 28, detalha o PEI:

O planejamento de estudo de caso, de elaboração de plano de atendimento educacional especializado, de organização de recursos e serviços de acessibilidade e de disponibilização e usabilidade pedagógica de recursos de tecnologia assistiva (BRASIL, 2015).

A estrutura desse plano ainda envolve: a identificação do estudante, a sua avaliação, as habilidades previstas para serem desenvolvidas, os programas de ensino para cada objetivo proposto, os recursos de acessibilidade, o protocolo de conduta individualizado e as diretrizes para adaptação de atividades e avaliações.

Os programas de ensino com base no projeto de Lei n.º 5.093/20, envolvendo as atividades destinadas ao alcance de cada objetivo, deverão conter: descrição dos procedimentos, atividades, frequência e período de realização, formulação de registros de acompanhamento e avaliação de todo o processo.

⁵ Professor de sala de aula comum.

⁶ Professores que atendem estudantes público da educação especial, aqueles com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e/ou com altas habilidades/superdotação.

Como já mencionado, o PEI conduzirá o trabalho com o estudante dentro da sala de aula/sala de recursos, de maneira a garantir o desenvolvimento de todos os aspectos planejados a partir dos dados coletados (por meio de laudos, avaliações, pareceres, conversas com a família etc). Verifica-se no projeto de Lei n.º 5.093/20 uma preocupação, por meio do PEI, que o tempo na rotina escolar seja aproveitado e organizado de maneira adequada aos estudantes (BRASIL, 2020, p. 5).

Para a elaboração desse material precisamos, inicialmente, conhecer as particularidades do estudante ao fazer um estudo de caso para elaborar um PEI que atenda suas necessidades e potencialize suas habilidades. É importante explorar ao máximo sua autonomia na realização de suas atividades e organização de sua rotina escolar, contemplando todas as disciplinas e respeitando seu ritmo de aprendizado.

Como forma de exemplificação, será apresentado, a seguir, o Plano de Ensino individualizado de Carlos, um estudante com autismo de grau leve. Para isso, será elucidado um breve histórico do estudante em seu processo de escolarização.

Ao preencher a documentação inicial na secretaria da escola, a mãe relatou que seu filho iniciou a Educação Infantil aos 2 anos de idade e não apresentou dificuldades em permanecer neste espaço. Porém, as professoras relataram que seu filho não interagia com as outras crianças. Após a conclusão da Educação Infantil, passou a frequentar a unidade escolar atual, estando matriculado no 3º ano do ensino fundamental. A professora Raquel, que ministrou aulas no 1º e 2º ano para esse estudante, afirmou que sua trajetória escolar foi tranquila: Ele aprendeu a ler e a escrever como os demais estudantes, mas precisou de mediação por ser introspectivo e ter dificuldade em se socializar.

Agora, no 3º ano do ensino fundamental, os professores observaram características concretas, sugerindo um trabalho diferenciado, dentro de um Plano de Ensino Individualizado (PEI) que oportunize um aprendizado mais adequado às suas características, com atividades flexibilizadas dentro do currículo da turma (Conforme pode ser observado no Anexo 1).

PLANO DE ENSINO INDIVIDUALIZADO – PEI

1º TRIMESTRE

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSOR: Paulo

IDENTIFICAÇÃO		
NOME DO ALUNO: Carlos Silva da Cruz ⁷		
FILIAÇÃO	PAI: Roberto	
	MÃE: Mônica	
ENDEREÇO	Rua: Santa Rosa, casa 20, Bairro: Santa Rosa, Aracruz.	
IDADE: 12 anos	DATA DE NASCIMENTO: 06/ 07/ 2010	SEXO: Masculino
NÍVEL DE ESCOLARIDADE/ TURMA:	3º ano do ensino fundamental	
DEFICIÊNCIA: Transtorno do Espectro Autista de grau leve		
INSTITUIÇÃO: EMEF Castelo Branco		

Fonte: Autora da pesquisa, 2023.

1. CONTEÚDOS

- Escrita de palavras, frases e textos em letra cursiva com o traçado correto
- Leitura e compreensão de texto de forma colaborativa e autônoma
- Localização de informações em texto
- Identificação do tema/assunto, finalidade e função social dos textos
- Identificação de expressões que marcam a passagem do tempo
- Escrever relatos de experiências pessoais com sequência correta dos fatos e nível de informatividade necessário.
- Planejamento e produção de registros de observação do resultado de uma pesquisa
- Localização de informações explícitas e implícitas em textos
- Leitura e compreensão de texto do campo jornalístico e informativo
- Decodificação e fluência de leitura
- Expressão oral espontânea e expressiva
- Relato oral: sequência cronológica e nível de informatividade adequado
- Escuta atenta, atenção e concentração
- Formulação de perguntas pertinentes ao assunto
- Características da conversação espontânea

⁷ Dados fictícios.

- Interação oral e sua finalidade comunicativa
- Leitura e compreensão de textos de forma autônoma e colaborativa
- Análise da situação comunicativa e o tema/assunto de textos da vida cotidiana
- Leitura e compreensão de textos literários
- Formação do leitor literário
- Decodificação/ Fluência de leitura
- Leitura silenciosa/ em voz alta para o professor
- Estratégia de leitura

2. HABILIDADES/ OBJETIVOS

(EF02LP07/ES) Escrever palavras, frases, textos curtos nas formas imprensa e cursiva, para que, progressivamente, apresente domínio da categorização gráfica.

(EF02LP12) Ler e compreender com certa autonomia cantigas, letras de canção, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto e relacionando sua forma de organização à sua finalidade.

(EF02LP17) Identificar e reproduzir, em relatos de experiências pessoais, a sequência dos fatos, utilizando expressões que marquem a passagem do tempo (“antes”, “depois”, “ontem”, “hoje”, “amanhã”, “outro dia”, “antigamente”, “há muito tempo” etc.) e o nível de informatividade necessário.

(EF02LP23) Planejar e produzir, com certa autonomia, pequenos registros de observação de resultados de pesquisa, coerentes com um tema investigado.

(EF15LP03) Localizar informações explícitas e implícitas em textos.

(EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.

(EF15LP10) Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.

(EF15LP11) Reconhecer características da conversação espontânea presencial, respeitando os turnos de fala, selecionando e utilizando, durante a conversação, formas de tratamento adequadas, de acordo com a situação e a posição do interlocutor.

(EF15LP13) Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar

experiências etc.).

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

(EF15LP16). Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, progressivamente, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração, dentre outros) e crônicas.

(EF35LP01/ES). Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado, considerando a leitura contextualizada em uma situação comunicativa genuína.

(EF35LP02). Selecionar livros da biblioteca para leitura individual, justificando a escolha e compartilhando com os colegas sua opinião após a leitura.

(EF35LP03). Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.

3. METODOLOGIAS

- Leitura compartilhada/oral diária de diferentes gêneros textuais
- Roda de conversa sobre livros lidos
- Interpretação e reconto oral
- Uso do dicionário
- Músicas
- Análise de textos bem escritos
- Indicação literária
- Atividades permanentes: livro literário (Leitura e registro em casa)
- Leitura oral diária feita pelo professor para a turma
- Acesso a obras de boa qualidade literária
- Cartazes com os quatro tipos de letras em local e altura de fácil visualização dos alunos.
- Orientação quanto ao traçado correto da letra cursiva
- Criação coletiva de algumas regras das convenções ortográficas e registrá-las em cartazes.
- Ditado interativo, refletindo e buscando caminhos para resolver dúvidas em relação à escrita correta das palavras ou frases

4. RECURSOS DIDÁTICOS

- Cadernos
- Livros didáticos e paradidáticos
- Silabários
- Músicas
- Vídeos

5. AVALIAÇÃO

Avaliação Formativa em um processo contínuo (diagnóstica, de intervenção e somativa), utilizando estratégias e instrumentos diversificados:

- Observação do aluno: execução das atividades, dúvidas e opiniões, registros realizados. Atividades de escrita de textos de forma autônoma.
- Ouvir a leitura individual do aluno: observação se lê com fluência ou não, e se compreende o que lê.
- Correção dos cadernos e livros: Observar se o aluno desenvolveu as atividades propostas.
- Atividade avaliativa: Provas realizadas para saber o que o aluno aprendeu no decorrer do trimestre.

6. BIBLIOGRAFIA

Continuum Curricular – 3º ano - Setor de Ensino Fundamental – Versão preliminar – Revisado em 2021 pela equipe da SEMED – Ensino Fundamental. Aracruz

Este Plano de Ensino Individualizado – PEI foi elaborado pelo docente de Língua Portuguesa, pelo professor de Educação Especial e pelo pedagogo, acompanhando o currículo da turma do 3º ano do ensino fundamental, com estratégias para o estudante aprender o mesmo conteúdo e as demais, mas com explicação direta, com linguagem simples e objetiva e, quando possível, com recursos visuais.

O professor, ao planejar suas aulas, como já citado, já organiza o PEI de acordo com o currículo escolar da turma, contemplando aos estudante com autismo o que é importante para o seu desenvolvimento; direcionando, reduzindo e flexibilizando as atividades. Assim, o PEI é o direcionamento do que será estudado pelo estudante e a rotina indica a organização do que irá fazer em cada dia e horário. Essa é a diferença

fundamental entre os dois documentos: o PEI orienta a elaboração da rotina escolar.

5.2 Tipos de Rotinas

A rotina escolar para os estudantes com autismo é fundamental para sua organização, minimizando tensões e proporcionando segurança e autonomia na realização de suas tarefas. Para a elaboração de uma rotina se faz necessário conhecer o estudante, sua organização e necessidades para, assim, escolher o material de apoio (tecnológico ou não) que melhor se adequa.

Para estudantes que não são alfabetizados, a rotina pode ser elaborada por meio de imagens, fotografias ou figuras. As imagens podem ser retiradas de livros, revistas ou mesmo serem selecionadas no computador e impressas. As fotografias podem ser tiradas diretamente do estudante nos espaços a serem trabalhados, assim ele se identificará nos espaços e naquilo que irá desenvolver.

As gravuras são conhecidas como Sistema de Comunicação por troca de imagens, traduzido do inglês *Picture Exchange Communication System* (PECS), desenvolvido nos EUA, em 1985, por Andy Bondy e Lori Frost (*Pyramid Consultoria Educacional do Brasil, s/p.*). O PECS é um sistema construído para estudantes que possuem dificuldades de comunicação – como os autistas – se comunicarem por meio de figuras. No sistema, o estudante troca, por exemplo, uma figura por um item ou atividade que deseja fazer. Pelas características do material, é possível aos professores tanto apresentarem a rotina para os estudantes como se comunicarem com eles no sentido de identificarem a compreensão dos acordos em relação às rotinas.

O sistema explora seis fases na comunicação com os estudantes, sendo adequado a pessoas com idades variadas e diversos níveis de dificuldades na comunicação e habilidades relacionadas às funções executivas. A Figura 5 apresenta as seis fases exploradas no PECS:

Figura 5 – As seis fases do PECS



FASE I

Como comunicar

Os indivíduos aprendem a trocar uma figura por itens ou atividades que realmente desejam.



FASE II

Distância e Persistência

Ainda usando uma única figura, os indivíduos aprendem a generalizar essa nova habilidade, usando-a em lugares diferentes, com pessoas diferentes e percorrendo distâncias. Eles também são ensinados a serem comunicadores mais persistentes.



FASE III

Discriminação de Figuras

Os indivíduos aprendem a escolher entre duas ou mais figuras para pedir suas coisas favoritas. Estas são colocadas em uma pasta de comunicação PECS – uma pasta com anéis com fitas autoadesivas onde as figuras são armazenadas e facilmente removidas para comunicação.



FASE IV

Estrutura de sentença

Os indivíduos aprendem a construir sentenças simples em uma Tira de sentença destacável usando uma figura "Eu quero", seguida por uma figura do item que está sendo solicitado.



ATRIBUTOS E EXPANSÃO DA LINGUAGEM

Os indivíduos aprendem a expandir suas frases adicionando adjetivos, verbos e preposições.



FASE V

Solicitação Responsiva

Indivíduos aprendem a usar o PECS para responder perguntas como "O que você quer?"



FASE VI

Comentário

Os indivíduos são ensinados a comentar em resposta a perguntas como "O que você vê?", "O que você ouviu?" E "O que é isso?" Elas aprendem a compor frases começando com "Eu vejo", "Eu ouço", "Eu sinto", "Isto é", etc.

Fonte: *Pyramid* Consultoria Educacional do Brasil, 2021⁸.

Pelas gravuras escolhidas para serem trabalhadas na fase I, o professor regente, o profissional especializado da educação especial e/ou o monitor que acompanha os estudantes, poderão apresentar o material e ensiná-los a identificarem os comandos, de forma que, por meio das gravuras, identifiquem a rotina escolar e possam segui-las. Após a elaboração, é só verificar o melhor lugar para eles

⁸ Disponível em: <<https://pecs-brazil.com/sistema-de-comunicacao-por-troca-de-figuras-pecs/12> de maio de 2021>. Acesso: 10 Dez 2021

acompanhem suas rotinas escolares, como mostram os exemplos da Figura 6:

Figura 6 – Quadro de rotina escolar com PECS



Fonte: Greice Amorim, 2019⁹.

Fonte: Elo 7, 2019¹⁰.

Existem recursos de diversos tamanhos, formatos e cores que podem ser utilizados para criar rotinas personalizadas, respeitando as particularidades dos estudantes com autismo. Independentemente do tipo de rotina, é preciso inserir os horários e as atividades a serem desenvolvidas no decorrer da semana e colocar em lugar visível para que acompanhem a rotina.

Para os estudantes alfabetizados que preferem alguns dos diversos recursos manuais, como material de apoio para seguir sua rotina, há opções de agendas, de calendários, de blocos de anotações, *post-it*, entre outros, ilustrados pelas Figuras 7, 8, 9 e 10. Esses recursos podem facilmente ser encontrados com diversas estampas e tamanhos e são transportados para qualquer lugar. Para utilizá-los, o estudante precisa ser alfabetizado e organizado.

⁹ Disponível em: <<https://cantinhoalternativo.com.br/rotina-passo-passo-de-quadro-de-horario/>>. Acesso: 08 Julho 2021

¹⁰ Disponível em: <<https://www.elo7.com.br/pasta-rotina-visual-escolar-autismo/dp/E1C14F>>. Acesso: 26 de Janeiro de 2022

Figura 7 – Calendário com Planilha

Agenda Diária

24
sexta-feira

EXIBIR AGENDA

Ano

Mês

Dia

EDITAR AGENDA

EDITAR HORAS

ADICIONAR EVENTO

REALÇAR NA AGENDA:
Intervalo

Hora	24-JUN	24-JUN	24-JUN
6:00	Acordear		
6:15			
6:30	Tomar banho		
6:45			
7:00			
7:15			
7:30	Sair para trabalhar		
7:45			
8:00	Iniciar o turno		
8:15			
8:30			
8:45			
9:00			
9:15			
9:30			
9:45			
10:00	Intervalo		
10:15			
10:30			
10:45			
11:00			
11:15			
11:30			
11:45			
12:00	Almoço		
12:15			
12:30			
12:45			
13:00			
13:15			
13:30	Ligar para o comercial		
13:45			
14:00			

SUA SEMANA	SUA SEMANA	SUA SEMANA
sábado 25	6:30	Café da manhã
domingo 26		
segunda-feira 27		
terça-feira 28		
quarta-feira 29		
quinta-feira 30		

Fonte: Página do Microsoft 365¹¹

Figura 8 – Calendário com Agenda



Fonte: Renato Ferreira, 2015¹².


¹¹ Disponível em: <<https://templates.office.com/pt-br/agenda-de-tarefas-di%C3%A1rias-tm02780252>>. Acesso em 26 Jul. 2022

¹² Disponível em: <<https://reev.co/agenda-outbound-rotina-prospeccao-ideal/>>. Acesso em 26 Jul. 2022

Figura 9 – Planilha Semanal

Professora: _____
 Turmas/Anos: _____
 Escola: _____
 Período: _____

Planejamento Semanal



Datas das aulas	Componente Curricular	Habilidade da BNCC	Desenvolvimento das aulas	Retorno das atividades propostas

Observações: _____

Fonte: karla Valleria, 2021¹³.

Figura 10 – Rotina com POST-IT



Fonte: Renata Machado Paiva, 2017¹⁴.

Também há a possibilidade de utilizar os recursos tecnológicos para elaborar a

¹³ Disponível em: <<https://www.ensinandocomcarinho.com.br/2021/03/planilha-para-planejamento-semanal.html>>. Acesso em 26 Jul. 2022

¹⁴ Disponível em: <<https://blog.focanavaga.com.br/wp-content/uploads/2018/06/calend%C3%A1rio.jpg>>. Acesso em 29 Out. 2022

rotina e acompanhá-la por meio de aplicativos que podem ser acessados pelo celular, tablet ou computador, mas para isso precisa-se avaliar as necessidades do estudante e conhecer as possibilidades dos aplicativos para decidir qual atenderá melhor as suas particularidades.

Os estudantes podem utilizar aplicativos para elaborarem, acompanharem e modificarem sua rotina. O importante é que o professor permita a organização das atividades por eles, etapa por etapa. A rotina pode fazer com que tenham maior independência na execução das tarefas e no acompanhamento de seus horários. Atualmente, há diversos recursos disponíveis de forma gratuita, mas se houver a preferência por outros recursos mais elaborados, há os que são vendidos por pacotes, de acordo com as necessidades. Os mais simples já costumam atender bem a proposta da rotina; cada profissional e/ou família precisa avaliar o que atende melhor a cada caso.

Nepomuceno (2015) é um dos criadores do aplicativo pago “Minha Rotina Especial”. Esse aplicativo possibilita a organização das atividades por sequência, com visualização e opções de acompanhamento de atividades para pais, profissionais e alunos para que haja estímulos em sua participação na organização de suas atividades:

Ter tarefas, participar do dia-a-dia e das decisões da família, organizar seu tempo e compreender as etapas de cada atividade são fundamentais para todas as crianças e é assim que elas aprendem e se tornam mais seguras e independentes. A criança com deficiência não é diferente, ela só precisa de mais orientações e planejamento. (NEPOMUCENO, 2015, s/p.)

Existem diversos aplicativos gratuitos ou pagos que possibilitam a elaboração de uma rotina para estudantes com autismo que podem ser utilizados para organizar as tarefas e permitir que familiares e profissionais acompanhem, conseguindo orientá-los sempre que for preciso.

O aplicativo *Bitrix 24-5G* (Figura 11) oferece um pacote com bate-papos privados e em grupo, oportunizando a comunicação à distância. Para estudantes com TEA, o aplicativo pode ser um meio de comunicação com seus professores para tirar dúvidas. Os profissionais, por sua vez, podem utilizar o aplicativo como estratégia de acompanhamento e orientação a respeito da rotina, ajudando-os a se organizarem. Esse aplicativo também disponibiliza calendário, além de possibilitar a criação de sites simples.

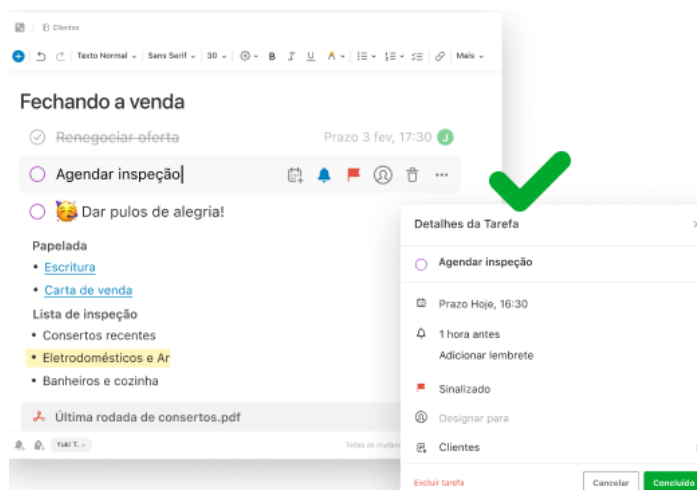
Figura 11 – Aplicativo *Bitrix 24*



Fonte: Página do Bitrix 24¹⁵.

O aplicativo *Evernote* sincroniza em todos os dispositivos, salva os dados e links na nuvem e vincula arquivos de imagem, áudio e vídeo com acesso simples, sendo possível criar notas e listas de verificação ou de tarefas, calendário, entre outros, conforme exemplifica a Figura 12:

Figura 12 – Aplicativo *Evernote*



Fonte: Página do Evernote¹⁶.

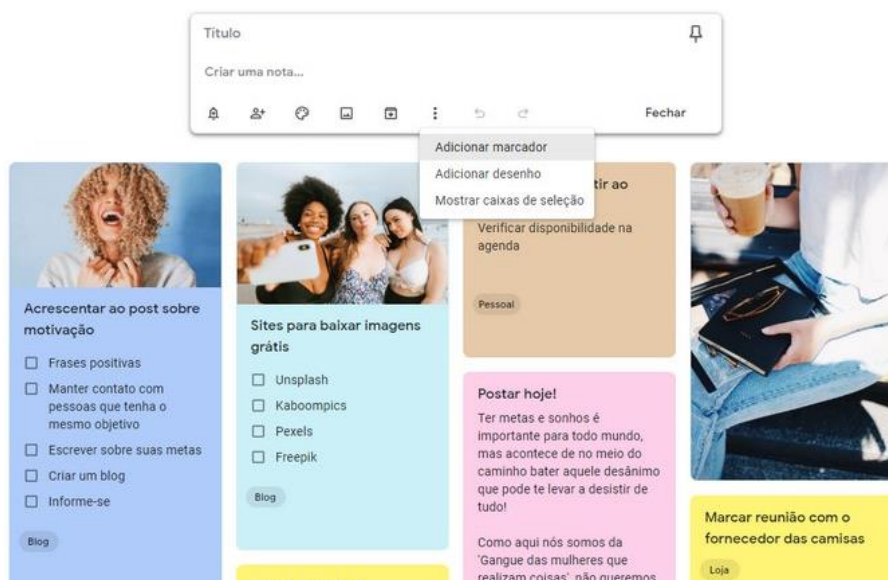
Outro aplicativo é o *Google Keep* integrado a todas as ferramentas do Google, como Gmail, Google agenda e contatos. É utilizado para fazer anotações e marcar

¹⁵ Disponível em: <<https://helpdesk.bitrix24.com.br/open/15442616/>>. Acesso em 27 Jul. 2022

¹⁶ Disponível em: <<https://evernote.com/intl/pt-br/download>>. Acesso em 27 Jul. 2022

lembretes, editar imagens e adicionar arquivos de áudio às anotações, ilustrado na Figura 13. Ele pode ser acessado pelo computador ou pelo smartphone e é completamente gratuito.

Figura 13 – Aplicativo Google Keep

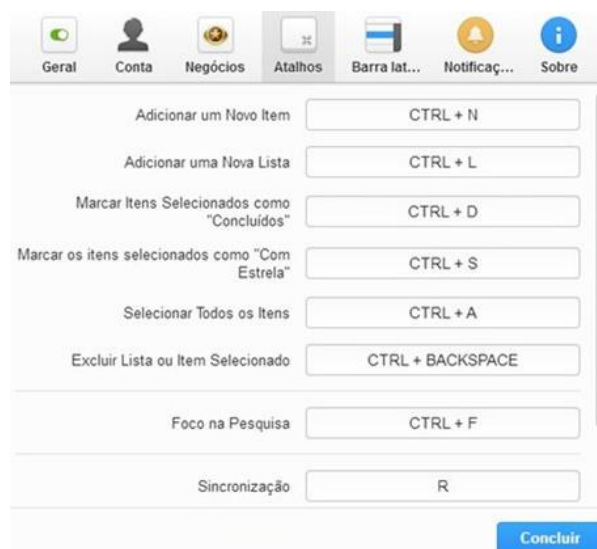


Fonte: Página do *Google Keep*¹⁷.

Mais um aplicativo a ser utilizado é o “*Wunderlist*” (Figura 14), um organizador de listas colaborativo com o qual pode-se montar a rotina, além de permitir adição de arquivos, conversas dentro de projetos e delegação de tarefas, com pacotes pagos e gratuitos.

¹⁷ Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.google.android.keep&hl=pt_BR&gl=US&pli=1>. Acesso em 27 Jul. 2022

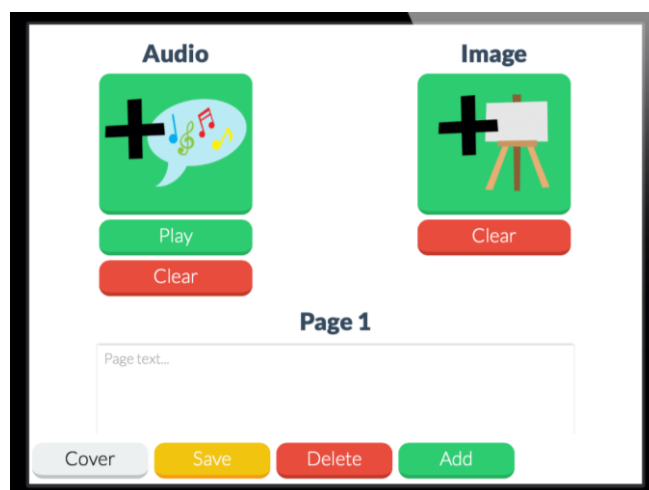
Figura 14 – Aplicativo Wunderlist



Fonte: Página do Wunderlist¹⁸.

O aplicativo *Social Stories Creator*, da Figura 15, possibilita a construção de histórias personalizadas, podendo criar sua rotina neste formato:

Figura 15 – Aplicativo Social Stories Creator



Fonte: Página do Social Stories Creator¹⁹.

Já o aplicativo *Tobbi*, ilustrado na Figura 16, possui um vocabulário que transforma símbolos/figuras em falas, o que possibilita a construção da rotina por autistas com pouca ou nenhuma capacidade verbal:

¹⁸ Disponível em: <<https://www.baixaki.com.br/download/wunderlist.htm>>. Acesso em 27 Jul. 2022

¹⁹ Disponível em: <<https://pcmac.download.br/app/588180598/social-story-creator-library>>. Acesso em 27 Jul. 2022

Figura 16 – Aplicativo *Tobbi*



Fonte: Página do *Tobbi*²⁰.

O *Tippy Talk* (Figura 17) é um aplicativo de mensagens instantâneas cujos símbolos são convertidos em texto no aparelho da pessoa com quem se deseja comunicar. Por este meio, estudantes com TEA conseguem dizer em qual etapa da rotina estão no momento, facilitando sua comunicação e acompanhamento por parte do professor e/ou família:

Figura 17 – Aplicativo *Tippy Talk*



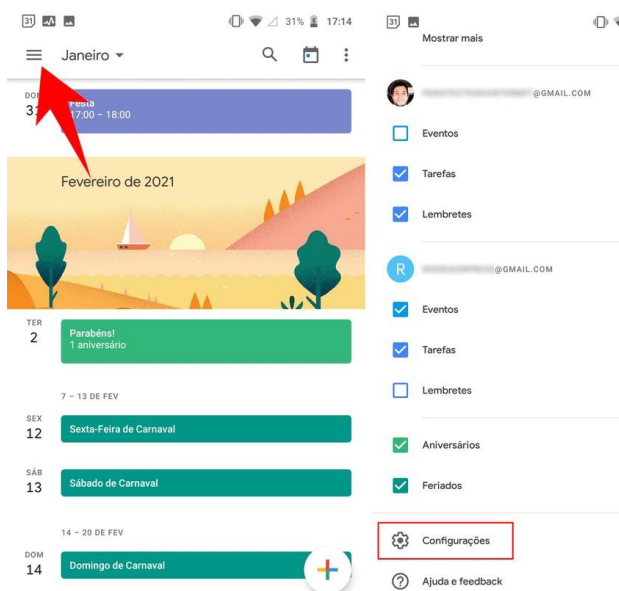
Fonte: Página do *Tippy Talk*²¹.

²⁰ Disponível em: <<https://pt.freownloadmanager.org/Windows-PC/Tobii-Eye-Tracking-GRATUITO.html>>. Acesso em 27 Jul. 2022

²¹ Disponível em: <<https://apkpure.com/tippytalk/com.tippytalk.app>>. Acesso em 27 Jul. 2022

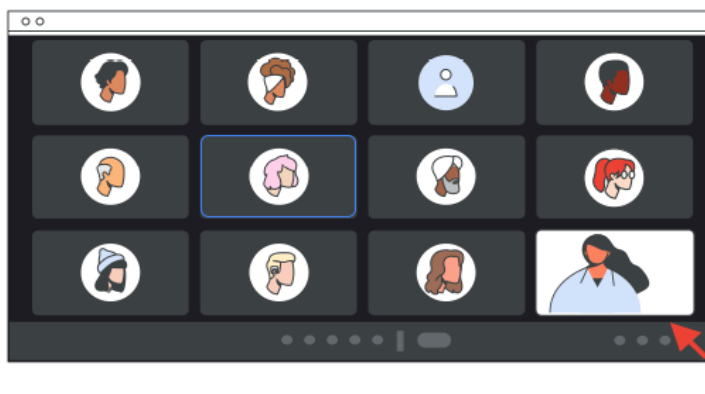
Acima foram apresentados alguns aplicativos que podem ser baixados em aparelhos. Além deles, há os que já vêm instalados no aparelho de celular como o “Google Agenda” (Figura 18), calendário, notas, lembretes, entre outros que funcionam como uma agenda de compromissos, separando-os por eventos, tempo de concentração, tarefas e respostas automáticas. Com ele, é possível marcar reuniões pelo *Google Meet*, visualizar lembretes do *Google Keep* (Figura 19) e definir rotinas de trabalho:

Figura 18 – Aplicativo Google Agenda



Fonte: Página do *Google Agenda*²².

Figura 19 – Aplicativo Google Keep



Fonte: Página do *Google Keep*²³.

²² Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2021/01/google-agenda-como-usar-o-aplicativo-para-organizar-rotina-no-celular.ghtml>>. Acesso em 27 Jul. 2022

²³ Disponível em: <<https://support.google.com/a/users/answer/10519038?hl=en>>. Acesso em 27 Jul.

A partir da elucidação de aspectos gerais que envolvem a rotina e uma apresentação de recursos para este trabalho, dá-se continuidade ao processo de elaboração de uma rotina.

Para elaborar uma rotina, o professor precisará observar o horário de aulas/disciplinas do estudante com TEA, o seu cronograma de provas e de eventos. Por meio das Figuras 20, 21, 22 e 23, apresentam-se horários e cronogramas de uma unidade escolar de Aracruz- ES:

Figura 20 – Horário das disciplinas

HORÁRIO	HORÁRIO DA TURMA – MATUTINO				
	2° FEIRA	3° FEIRA	4° FEIRA	5° FEIRA	6° FEIRA
7h as 7h50	Português	Ed. Física	Ed. Física	Ciências	Português
7h50 as 8h40	Português	Matemática	Inglês	Ciências	Geografia
8h40 as 9h30	Matemática	Matemática	Matemática	Matemática	Geografia
9h30 as 9h50	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
9h50 as 10h40	Matemática	Port./ Biblioteca	Arte	Português	História
10h40 as 11h30	Matemática	Português	Arte	Português	História

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022

Figura 21 – Cronograma Escolar



Fonte: Elaborado pela Prefeitura Municipal de Aracruz, 2022.

Figura 22 – Cronograma Escolar de Provas

CALENÁRIO DE AVALIAÇÕES ANUAL - 2022
TURMAS: 3º AO 5º ANOS

> **1º TRIMESTRE: 14/02 A 20/05/22 - 65 DIAS LETIVOS**
VALOR: 30, PONTOS **MÉDIA: 18,0 PONTOS**
Distribuídos em: 02 avaliações de 12,0 pontos cada **Média: 7,2**
Atividades em sala de aula/trabalhos/participação: 6,0 pontos. **Média: 3,6**

MÊS/ETAPA	SEMANA DE AVALIAÇÃO	SEMANA DE RECUPERAÇÃO
MAR/ABR – 1ª ETAPA	28/03 A 01/04/22	04/04/A 08/04/22
MAIO – 2ª ETAPA	09 A 13/05/22	16 A 20/05/22

Conselho de classe: 21/05/22 - Sábado

> **2º TRIMESTRE: 23/05 A 02/09/22 - 69 DIAS LETIVOS**
VALOR: 30, pontos **Média: 18,0 pontos**
Distribuídos em: Avaliação: 18,0 pontos **Média: 10,8 pontos**
Simulado/ Trabalho: 9,0 pontos **Média: 5,4 pontos**
Avaliação atitudinal: 3,0 pontos.

MÊS/ETAPA	SEMANA DE AVALIAÇÃO	SEMANA DE RECUPERAÇÃO
JULHO – 1ª ETAPA	04/07 A 08/07/22	11/07 A 15/07/22
AGOSTO – 2ª ETAPA	22 A 26/08/22	29/08 A 02/09/22

Conselho de classe: 03/09/22 - Sábado

> **3º TRIMESTRE: 05/09 A 16/12/22 - 66 DIAS LETIVOS**
VALOR: 40,0 pontos **Média: 24,0 pontos**
Distribuídos em: Avaliação: 24,0 pontos **Média: 14,4 pontos**
Simulado/ Trabalho: 12,0 pontos **Média: 7,2 pontos**
Avaliação atitudinal: 4,0 pontos.

MÊS/ETAPA	SEMANA DE AVALIAÇÃO	SEMANA DE RECUPERAÇÃO
OUTUBRO – 1ª ETAPA	17/10 A 21/10/22	24/10 A 28/10/22
NOV/DEZ – 2ª ETAPA	28/11 A 02/12/22	05/12 A 09/12/22

Conselho de classe: 17/12/22 - Sábado
Recuperação Final: 19, 20 e 21/12/22
Conselho de classe final: 22/12/22

Fonte: Elaborado pela Prefeitura Municipal de Aracruz, 2022.

Figura 23 – Cronograma Escolar de Eventos

PROGRAMAÇÃO DO 3º TRIMESTRE - 2022

Período do 3º Trimestre – 05/ 09/ 22 a 16/ 12/ 22
Dias Letivos do Trimestre – 66 dias letivos

SETEMBRO					
2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	
05 Palestra	06	07 Feriado Nacional	08	09	
12 Plantão Pedagógico	13 Plantão Pedagógico	14 Plantão Pedagógico	15 Palestra	16	
19	20	21	22	23	
26	27	28	29	30	

OUTUBRO					
2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	
03	04	05 Sarau Poético	06 Cinema	07 Festa das crianças	
10 Livre	11 Livre	12 Feriado Nacional	13 Livre	14 Livre	
17	18	19	20	21	
24 Avaliação	25 Avaliação	26 Avaliação	27 Avaliação	28 Avaliação	
31	-	-	-	-	

NOVEMBRO					
2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	
-	01 Recuperação	02 Feriado Nacional	03 Recuperação	04 Recuperação	
07	08 PSE - Culinária	09	10	11	
14 Ponto Facultativo	15 Feriado Nacional	16	17	18	
21	22	23	24	25	
28 Avaliação	29 Avaliação	30 Avaliação	-	-	

DEZEMBRO					
2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	
-	-	-	01 Avaliação	02 Avaliação	
05 Recuperação	06 Recuperação	07 Recuperação	08 Recuperação	09 Recuperação	
12	13	14	15	16	
19 Rec. Final	20 Rec. Final	21 Rec. Final	22 Conselho de classe final	23 Férias	
Férias	27 Férias	28 Férias	29 Férias	30 Férias	

OUTROS EVENTOS	
DATA	ATIVIDADE
05/ 09/ 22	Palestra para famílias - Prevenção à Depressão. (PSE) – PL coletivo
15/ 09/ 22	Palestra sobre os Primeiros Socorros. (PSE) para os alunos.
05/ 10/ 22	Culinária Projeto Comunitário de leitores – Sarau Poético – Aberto às famílias.
07/ 10/ 22	Comemoração ao Dia das Crianças.
17 a 21 /10/ 22	Aplicação da Avaliação do Projeto Ajustando Saberes
17 a 28 / 10/ 22	Aplicação da Avaliação do Programa Letrix – 4º e 5º anos
A DEFINIR	Aplicação Paebes Alfa e Paebes – 2º e 5º anos
08/ 11/ 22 (3ª feira)	PSE – Culinária - Aberto às famílias.
05/ 12 a 09/ 12/ 22	Pré -Conselho – Horário de PL do professor.
12/ 12 a 16/ 12/ 22	Encerramento com os alunos – Definir data e horário cada turma
17/ 12/ 22 (Sábado)	Conselho de classe

EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS DOS ALUNOS	
MÊS	TURMA
SETEMBRO - 19 A 23/ 09/ 22	Educação Física, Inglês, AEE
OUTUBRO- 03 A 05/10/22	1º ao 5º ano – Atividades sobre os poemas.

PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA		
MÊS	AÇÃO	ATIVIDADE
Setembro	Prevenção das Violências e Acidentes	Violência do Trânsito – 1º ao 5º anos -Projeto Detranzinho.
Agosto/ out.	Prática corporais, atividades físicas e lazer.	Educação Física.
05/ 09/ 22	Promoção da Cultura de Paz, Cidadania e Direitos Humanos.	- Semana da Criança e Dia do Estudante - Palestra para famílias – Prevenção à Depressão. 1º ao 5º ano
01, 03 e 04/ 11		19/11 – Dia nacional de combate ao mosquito Aedes Aegypti 20/11 – Dia Nacional da Consciência Negra
08/ 11/ 22 (3ª feira)		Culinária do PSE

> Os diagnósticos do 1º e 2º anos serão no período da avaliação do 3º aos 5º anos.
> Os registros referentes à frequência e os conteúdos ministrados deverão estar atualizados no diário digital. (SGE)

Fonte: Elaborado pela Prefeitura Municipal de Aracruz, 2022.

As instituições de ensino, para administrarem o calendário escolar, elaboram de forma trimestral um cronograma com os dias letivos, feriados, semana avaliativa, exposição dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula, as festividades, as palestras e os eventos que irão ocorrer no decorrer no ano letivo. Assim, os docentes e estudantes conseguem se organizar e elaborar uma rotina que contemple, com essas informações, a organização do seu trabalho e/ou estudos.

Existem diversos recursos disponíveis para elaborar sua própria rotina, como já visto, porém o que contribuiu para a rotina escolar do meu filho foram as mais simples, como o Google agenda – disponível no celular – e ilustrada na Figura 24. Nele foram registradas todas as aulas, facilitando a organização do material escolar. Conforme as aulas eram ministradas, ele dava baixa, percebendo a passagem do tempo e dando uma previsão maior da rotina:



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2023.

Também foi elaborada uma rotina de estudos no Word com os meses, dias e horários, descritas na Figura 25. Este recurso facilitou para meu filho saber o que havia para ser realizado em determinado dia, podendo alterar os compromissos conforme novas informações e apagar o que era concluído, deixando sempre visível as próximas etapas:

Figura 25 – Agenda no Word

AGENDA FÁBIO – 2022	
NOVEMBRO	
6 – Domingo	
7 – Aula 7h às 11h30 – Escola	
– 14h – Fazer deveres de casa/ arrumar a mochila	
– 16h – Estudar para prova de Português	
– 18h – Estudar com mãe/ Tirar dúvidas	
8 – Aula 7h às 11h30 – Escola	
– 14h – Fazer deveres de casa/ arrumar a mochila	
– 16h – Estudar para prova de Matemática	
– 18h – Estudar com mãe/ Tirar dúvidas	
9 – Aula 7h às 11h30 – Escola	
– 14h – Fazer deveres de casa/ arrumar a mochila	
– 16h – Estudar para prova de Geografia	
– 18h – Estudar com mãe/ Tirar dúvidas	
10 – Aula 7h às 11h30 – Escola	
– 14h – Fazer deveres de casa/ arrumar a mochila	
– 16h – Estudar para prova de História	
– 18h – Estudar com mãe/ Tirar dúvidas	
11 – Aula 7h às 11h30 – Escola	
– 14h – Fazer deveres de casa/ arrumar a mochila	
– 16h – Estudar para prova de Ciências	
– 18h – Estudar com mãe/ Tirar dúvidas	
12 – Sábado	
13 – Domingo	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2023.

A instituição de ensino, ao entregar a rotina escolar anual com os horários das disciplinas, eventos, semana de prova, entre outros momentos da escola, facilitou tanto para os docentes que prepararam o PEI trimestral e as adequações necessárias para a realização das atividades como a organização do meu filho para que pudesse

ter tudo concluído dentro dos prazos estipulados.

Esta dissertação tem como foco, também, contribuir para a reflexão e atuação docente quanto à rotina para os estudantes com autismo, apresentaremos um processo de inclusão, acompanhamento e a dinâmica de organização da rotina escolar, como sugestão de trabalho aos professores que atuam na área. Essa sugestão foi elaborada com base nas referências estudadas ao longo desta investigação e prática da pesquisadora.

5.3 Exemplos de Rotina para estudante com TEA

Como pesquisadora deste trabalho que aborda a importância da rotina escolar para estudantes com autismo, vou explicar um pouco da prática utilizada como professora de educação especial no recebimento desses estudantes.

Normalmente, ao receber um estudante com autismo na instituição de ensino, no ato da matrícula a família preenche um documento com diversas informações que ficam arquivadas na secretaria da escola. Uma cópia vai para a professora de educação especial e outra para a pedagoga. Posteriormente a pedagoga, em conjunto com a professora de educação especial, marcam uma reunião com a família para esclarecerem aspectos gerais do trabalho a ser realizado e identificarem qual o tempo disponibilizado a esse estudante por familiares. Através da reunião, é possível compreender, também, qual o nível de autismo e as características desse estudante que estamos recebendo para que possamos elaborar uma rotina adequada, já que a recepção de cada um possui abordagens diferentes.

Quando estudantes com autismo de nível 3, o mais severo, iniciam no âmbito escolar, o conduzimos à sala de aula regular e tentamos permanecer com ele o máximo possível junto à sua turma, com atividades direcionadas, recursos táteis e visuais até seu limite. Após esse momento, apresentamos somente os espaços que planejamos trabalhar inicialmente com ele, como o refeitório (para instruí-lo no recreio e orientá-lo em sua alimentação), o banheiro (com as abordagens de higienização) e a sala de recursos multifuncionais, equipada com materiais didáticos importantes para o processo pedagógico mediado pela professora de educação especial.

Se observarmos que o tempo de permanência do estudante é muito restrito dentro da sala de aula, criamos como estratégia uma rotina com os tempos/espços da escola de forma individualizada, em que o estudante com autismo participe de

ações pedagógicas em outros espaços até conseguir permanecer um tempo maior em sala de aula. Iniciamos sua participação junto a turma na hora do recreio, na biblioteca, nas aulas de artes e educação física. Em outros momentos, revezamos o estudante entre os espaços: sala de aula regular, laboratório de informática, pátio e sala de recursos, sempre com atividades pedagógicas.

Desta forma, mesmo tendo esse estudante uma rotina diferente no âmbito escolar, o planejamento precisa ser desenvolvido em colaboração entre professor regente, professor de educação especial e pedagogo, com participação do monitor que o acompanha. Como convive mais tempo com o estudante, o monitor pode trazer sugestões mais significativas para que se oportunize sua participação nas atividades em todo período escolar.

Nos Quadros 2, 3 e 4 estão sistematizadas as etapas e ações que envolvem uma rotina escolar para estudantes com autismo de nível 3, o grau mais severo, bem como os profissionais responsáveis:

Quadro 2 – Etapa 1: Providências antes do início do ano letivo

AÇÃO/ESTRATÉGIA	COMO E/OU O QUE FAZER	RESPONSÁVEIS
Matrícula	Preenchimento da documentação	Secretário
<ul style="list-style-type: none"> - Reunião entre pedagogo e professor de educação especial com os familiares responsáveis pelo estudante com autismo. - Reunião com os professores regentes para informar sobre o estudante e ouvir sugestões de estratégias para a elaboração da rotina inicial. - Elaborar uma rotina escolar proposta inicialmente para o recebimento desse estudante. 	- Elaborar, através do que foi informado sobre as particularidades do estudante e sugestões dos professores, uma rotina inicial para receber esse estudante com autismo e entendermos como será o processo de inclusão no âmbito escolar.	Pedagogo, Professores regentes e Professor de educação especial.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora com base nas leituras e em sua experiência como docente e mãe, 2023.

Quadro 3 – Etapa 2: Acolhimento do estudante nos primeiros dias de aula

AÇÃO/ESTRATÉGIA	COMO E/OU O QUE FAZER	RESPONSÁVEIS
<ul style="list-style-type: none"> - Planejamento com os professores regentes para elaborar propostas de trabalho a serem desenvolvidas com o estudante com autismo em cada disciplina. - Anotar os espaços disponíveis que podem ser utilizados em todo o período escolar com o estudante, caso não consiga permanecer muito tempo nos ambientes. 	<p>- Com a proposta inicial da rotina escolar, o professor de educação especial e o monitor podem receber o estudante com autismo e acompanhá-lo até a sala de aula referência, onde o monitor irá permanecer o máximo possível junto a este com atividades flexibilizadas. Quando o estudante não conseguir permanecer em sala de aula o monitor conduz o estudante para a execução da rotina em outros espaços escolares de acordo com as estratégias já elaboradas.</p>	<p>Pedagogo, Professores regentes, Professor de educação especial e Monitor.</p>

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora com base nas leituras e em sua experiência como docente e mãe, 2023.

Quadro 4 – Etapa 3: Atividades no decorrer do ano letivo

AÇÃO/ESTRATÉGIA	COMO E/OU O QUE FAZER	RESPONSÁVEIS
<ul style="list-style-type: none"> - Planejamento com os professores regentes para a elaboração do Plano de Ensino Individualizado (PEI) de cada disciplina, com flexibilização do currículo escolar com o objetivo de execução das atividades propostas com mediação de um profissional. 	<p>- Com o PEI do estudante, os professores envolvidos elaboram as atividades para cada uma de suas aulas e as entregam ao estudante para a execução. Se a atividade precisar ser desenvolvida em outro espaço, o professor irá instruir o monitor.</p>	<p>Pedagogo, Professores regentes, Professor de educação especial e Monitor.</p>

- | | | |
|---|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> - Elaborar o cronograma trimestral junto aos professores para esse estudante utilizando o tempo/espaço da escola com atividades pedagógicas. - Ter registrado os espaços escolares disponíveis para serem utilizados com o estudante, caso não consiga permanecer muito tempo em sala de aula. | | |
|---|--|--|

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora com base nas leituras e em sua experiência como docente e mãe, 2023.

Essas propostas são realizadas com os estudantes com autismo. No decorrer do ano letivo, as propostas mudam conforme o desenvolvimento do estudante e por isso a elaboração do PEI acontece trimestralmente, para fins de possibilitar um trabalho que atenda às particularidades de cada estudante.

Os estudantes com autismo de nível 2, grau médio/moderado, ao chegarem no âmbito escolar, os conduzimos à sala de aula regular junto à sua turma, com atividades diferenciadas. Esses estudantes geralmente permanecem com a rotina dentro da sala de aula regular. Como apresentam comprometimento intelectual, possuem um monitor que os acompanham durante todo o período escolar. Suas atividades são flexibilizadas, seguindo o currículo da turma na qual está matriculado, planejadas em parceria entre os professores regentes, o professor de educação especial e o pedagogo, com a colaboração do monitor. Esses estudantes precisam de mediação nas atividades escolares, avaliações diferenciadas com tempo adicional e atendimento no contraturno de sua escolarização para desenvolver suas habilidades.

Nos Quadros 5, 7 e 7 estão sistematizadas as etapas e ações que envolvem uma rotina escolar para estudantes com autismo de nível 2, grau médio/moderado, bem como os profissionais responsáveis:

Quadro 5 – Etapa 1: Providências antes do início do ano letivo

AÇÃO/ESTRATÉGIA	COMO E/OU O QUE FAZER	RESPONSÁVEIS
Matrícula	Preenchimento da documentação	Secretário
<ul style="list-style-type: none"> - Reunião entre pedagogo e professor de educação especial com os familiares responsáveis pelo estudante com autismo. - Reunião com os professores regentes para informar sobre o estudante e ouvir sugestões de estratégias para a elaboração da rotina inicial. - Elaborar uma rotina escolar proposta inicialmente para o recebimento desse estudante. 	<ul style="list-style-type: none"> - Elaborar, através do que foi informado sobre as particularidades do estudante e sugestões dos professores, uma rotina inicial para receber esse estudante com autismo e entendermos como será o processo de inclusão no âmbito escolar. 	Pedagogo, Professores regentes e Professor de educação especial.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora com base nas leituras e em sua experiência como docente e mãe, 2023.

Quadro 6 – Etapa 2: Acolhimento do estudante nos primeiros dias de aula

AÇÃO/ESTRATÉGIA	COMO E/OU O QUE FAZER	RESPONSÁVEIS
<ul style="list-style-type: none"> - Planejamento com os professores regentes para elaborar diagnóstico de cada disciplina como proposta de trabalho a ser desenvolvido e assim elaborar atividades a partir do nível de aprendizado do estudante com autismo. 	<ul style="list-style-type: none"> - A rotina inicial começa com o recebimento do estudante com autismo pelo professor de educação especial e monitor, que irão encaminhá-lo à sala de aula a que pertence. O monitor irá acompanhar o estudante em todo período escolar, inserido na sala de aula, e mediando ações para incluí-lo na turma. O monitor é orientado pelos professores de cada disciplina na execução 	Pedagogo, Professores regentes, Professor de educação especial e Monitor.

	das atividades propostas e nos diagnósticos de cada disciplina, para ter como base na elaboração do PEI.	
--	--	--

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora com base nas leituras e em sua experiência como docente e mãe, 2023.

Quadro 7 – Etapa 3: Atividades no decorrer do ano letivo

AÇÃO/ESTRATÉGIA	COMO E/OU O QUE FAZER	RESPONSÁVEIS
<ul style="list-style-type: none"> - Planejamento com os professores regentes para a elaboração do Plano de Ensino Individualizado (PEI) de cada disciplina, com flexibilização do currículo escolar com o objetivo de execução das atividades propostas com o máximo de autonomia. - Elaborar o cronograma trimestral junto aos professores para esse estudante utilizando o tempo/espço da escola com atividades pedagógicas. - Registrar os espaços disponíveis em todo o período escolar do estudante, para desenvolver atividades individuais quando necessário como atividades avaliativas e provas. 	<p>- Com o PEI do estudante, os professores envolvidos elaboram as atividades para cada uma de suas aulas e as entregam ao estudante para a execução. Se a atividade precisar ser desenvolvida em outro espaço, o professor irá instruir o monitor.</p>	<p>Pedagogo, Professores regentes, Professor de educação especial e Monitor.</p>

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora com base nas leituras e em sua experiência como docente e mãe, 2023.

Para que o estudante com autismo tenha acesso e permanência no âmbito escolar, faz-se necessário criar estratégias de ensino que o permitam se apropriar do

currículo escolar, porém de forma mais simples e objetiva que promova equidade com sua turma em todas as disciplinas.

Em sala de aula comum, a atuação do monitor será importante na comunicação com esses estudantes, em mediação com atividades pedagógicas, antecipação de acontecimentos e apoio a estes em atividades em grupo, permanecendo ao seu lado e trazendo segurança.

Este conjunto de atividades, que configuram a rotina, é estruturado com o apoio do profissional de AEE, cuja função é colaborar, em todas as dimensões possíveis, na inclusão e desenvolvimento dos estudantes. Sendo assim, esse profissional, no contraturno, reforçará com os estudantes com autismo sua rotina e os auxiliará na organização de atividades e procedimentos, oferecendo o suporte necessário para promover e orientar seu acesso e permanência na escola.

Os estudantes com autismo de nível 1, o mais leve, ao chegarem no âmbito escolar, o conduzimos à sala de aula regular junto à sua turma. Depois, marcamos um momento para nos apresentarmos e conversarmos individualmente para entender as particularidades do estudante; também entregamos o cronograma escolar, como o calendário anual, o horário das disciplinas, atividades avaliativas e eventos, para antecipar as vivências escolares, conforme o cronograma já elaborado pela escola, nos colocando à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Em seguida elaboramos, em parceria com os profissionais, o PEI de cada estudante com autismo de forma trimestral, proporcionando estratégias que de fato proporcionem um melhor processo de aprendizagem. Esse processo é realizado com todos os estudantes público da educação especial, pois o trabalho é desenvolvido de forma individualizada, considerando suas especificidades, assim como orientam as políticas públicas.

Já em conjunto com o estudante, elaboramos um cronograma semanal com as atividades a serem desenvolvidas e uma rotina de estudos. Caso não consigam se organizarem sozinhos, há auxílio até que o mesmo consiga dar conta de todo o seu processo de escolarização com o máximo de autonomia. Também observamos seu comportamento nas dependências da instituição de ensino para orientá-lo sempre que for necessário para seu desenvolvimento.

Nos Quadros 8, 9 e 10 estão sistematizadas as etapas e ações que envolvem uma rotina escolar para estudantes com autismo de nível 1, grau mais leve, bem como os profissionais responsáveis:

Quadro 8 – Etapa 1: Providências antes do início do ano letivo

AÇÃO/ESTRATÉGIA	COMO E/OU O QUE FAZER	RESPONSÁVEIS
Matrícula	Preenchimento da documentação	Secretário
<ul style="list-style-type: none"> - Reunião entre pedagogo e professor de educação especial com os familiares responsáveis pelo estudante com autismo. - Reunião com os professores regentes para informar sobre o estudante e ouvir sugestões de estratégias para a elaboração da rotina inicial. 	<ul style="list-style-type: none"> - Separar todos os cronogramas para serem entregues ao estudante. - Elaborar, através do que foi informado sobre as particularidades do estudante e sugestões dos professores, uma rotina inicial para receber esse estudante com autismo e entendermos como será o processo de inclusão no âmbito escolar. 	Pedagogo, Professores regentes e Professor de educação especial.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora com base nas leituras e em sua experiência como docente e mãe, 2023.

Quadro 9 – Etapa 2: Acolhimento do estudante nos primeiros dias de aula

AÇÃO/ESTRATÉGIA	COMO E/OU O QUE FAZER	RESPONSÁVEIS
<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação da escola, seus funcionários e suas funções. - Planejamento com os professores regentes para elaborar diagnóstico de cada disciplina como proposta de trabalho a ser desenvolvido e assim elaborar atividades a partir do nível de aprendizado do estudante com autismo, a ponto de acompanhar a mesma atividade da turma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Separar um momento para a apresentação dos espaços escolares e seus profissionais. - O monitor é orientado pelos professores de cada disciplina na execução das atividades propostas e nos diagnósticos de cada disciplina, para ter como base na elaboração do PEI. 	Pedagogo, Professores regentes, Professor de educação especial e Monitor.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora com base nas leituras e em sua experiência como docente e mãe, 2023.

Quadro 10 – Etapa 3: Atividades no decorrer do ano letivo

AÇÃO/ESTRATÉGIA	COMO E/OU O QUE FAZER	RESPONSÁVEIS
<p>- Planejamento com os professores regentes para a elaboração do Plano de Ensino Individualizado (PEI) de cada disciplina, com flexibilização do currículo escolar com o objetivo de execução das atividades propostas com o máximo de autonomia.</p> <p>- Registrar os espaços disponíveis em todo o período escolar do estudante, para desenvolver atividades individuais quando necessário como atividades avaliativas e provas.</p>	<p>- Através do PEI do estudante, os professores podem elaborar atividades flexibilizadas quando necessário com foco no desenvolvimento e autonomia desse estudante com autismo.</p>	<p>Pedagogo, Professores regentes, Professor de educação especial e Monitor.</p>

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora com base nas leituras e em sua experiência como docente e mãe, 2023.

As estratégias abordadas têm como foco o desenvolvimento dos estudantes com autismo para que possam se apropriar, dentro de suas particularidades, do currículo escolar, minimizando as dificuldades e potencializando suas habilidades na rotina que possa favorecer sua autonomia e desenvolvimento.

Espera-se, por meio deste estudo, contribuir com as instituições de ensino e com os profissionais da educação na organização e acompanhamento de uma rotina escolar na qual os estudantes com TEA sejam adequadamente direcionados em seu processo de desenvolvimento e, conseqüentemente, para sua inclusão à sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desse trabalho consistiu em discutir a importância da rotina escolar para estudantes com TEA no ensino fundamental. O interesse pela temática surgiu de observação junto a meu filho e necessidades formativas impostas como professora regente de classe comum e como professora de educação especial atuando na inclusão de crianças com deficiências.

Para investigar a rotina escolar buscamos, em primeiro plano, compreender as características gerais do autismo para, posteriormente, refletir sobre os benefícios que a rotina poderia trazer aos estudantes, concluindo a pesquisa com algumas sugestões aos professores acerca da organização de rotinas escolares.

A investigação, eminentemente teórica, foi desenvolvida com base na pesquisa bibliográfica em importantes bases de dados, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior (CAPES) e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

Os resultados mostraram que os estudantes com TEA possuem prejuízos em três grandes áreas: comunicação, interação e desenvolvimento neuropsicomotor. As habilidades mais afetadas por esses prejuízos estão relacionadas a controle de impulsos, controle emocional, automonitoramento, planejamento, iniciativa para tarefas e organização.

Neste contexto, a elaboração de uma rotina escolar, com base nas características e necessidades específicas a cada estudante parece ser uma estratégia não apenas para garantir a realização adequada de todo o planejamento de atividades individuais, mas como estrutura que auxilia na própria organização do pensamento dos estudantes, minimizando ansiedades que possam prejudicar o andamento de suas atividades.

A rotina se mostrou como parte de uma ação pedagógica no sentido de materializar os PEIs, estimulando a autonomia dos estudantes. Além disso, ao possibilitar que os eventos sejam antecipados, também reduz a ansiedade que poderia tirar o foco das atividades, trazendo mais segurança para o seu desenvolvimento.

As contribuições da rotina escolar aos estudantes com autismo no ensino fundamental, obtidas no desenvolvimento desse trabalho, nos motivou a reunir possibilidades diversas de atuação do professor neste sentido em uma espécie de

guia. Este material tem a intenção de colaborar na organização de rotinas que efetivamente auxiliem no desenvolvimento de alunos com TEA.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Daniela. **Os desafios da Educação inclusiva**: Foco nas redes de apoio. Revista Nova **Escola**, São Paulo: Editora Abril, 2013.

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência**: Introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Editora Loyola, 2002.

AUMA Autismo. **Você sabe o que significa este símbolo?** 2021. Disponível em: <<https://auma.org.br/novidades/voce-sabe-o-que-significa-este-simbolo/>>. Acesso em: 22 de Set de 2022.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, M. C. S. **A rotina nas pedagogias da educação infantil**: dos binarismos à complexidade. **Currículo sem fronteiras**, v.6, nº1. pp. 56-69, Jan/Jun 2006.

BATISTA, Cristina Abranches Mota & MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Educação inclusiva**: atendimento educacional especializado para deficiência mental. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

BATISTA, Cláudio Roberto. Departamento de Estudos Básicos – Centro de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Educação Inclusiva**. Ponto de Vista, Florianópolis, n. 3/4, p. 161–172, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/viewFile/1414/1504>>. Acesso: 8 Jul. 2021.

BELIZÁRIO FILHO, José Ferreira. CUNHA, P. Coletânea. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**: transtornos globais do desenvolvimento. Volume 9. Fortaleza: Editora UFC, 2010.

BRASIL. **Constituição do Brasil** (de 24 de janeiro de 1967). in: ALENCAR, Ana Valderéz A.N de; RANGEL, Líela Castelo Branco. **Constituições do Brasil: de 1824, 1891, 1934, 1937, 1946 e 1967 e suas alterações**. Brasília: Senado Federal, subsecretaria de Edições Técnicas, 1986. p. 349 - 401.

BRASIL. Decreto nº 3.956, de 8 de outubro de 2001. Promulga a **Convenção Interamericana para Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência**. Guatemala: 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano de Desenvolvimento da Educação**: razões, princípios e programas. Brasília: MEC, 2007.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: lei federal n. 8.069 de 13.07.1990. – ed. – Vitória: Tribunal de Justiça. Vara da Infância e da Juventude de Vitória – ES, 2001.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2021**. Disponível em:

<<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar>> Acesso em: 05 Dez. 2021.

BRASIL, Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista**. Presidência da República, Casa Civil.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9.394/1996.

BRASIL, Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em 23 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC/ SEESP, 2001.

BRASIL. Parecer CNE/CP9/2001 – **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica**, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília: MEC, 2001. BRASIL.

BRASIL. Projeto de Lei n.º 5.093 de 2020. **Plano de Ensino Individualizado – PEI**. Brasília: Presidência da República. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1967660>. Acesso: 04 Abril 2022.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da educação Inclusiva. Brasília: MEC/ SEESP/ SEED, 2007. **Atendimento Educacional Especializado: Deficiência Mental**. 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_dm.pdf>. Acesso em: 18 Jan. 2021.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL, **Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental**. Referencial curricular nacional para a educação infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.—Brasília: MEC/SEF, 1998.

CIVAP (Câmara Técnica da Educação do CIVAP). **Guia de Atendimento Educacional Especializado**: uma experiência da Câmara Técnica de Educação do Consórcio Intermunicipal do vale do Paranapanema. 1. ed. Assis: CIVAP, 2019. P. 23 à 25. Disponível em: <<https://www.redeintermunicipaledu.com.br/uploads/documents/2019/08/121-1565727865.pdf>> Acesso em: 26 Agost. 2021.

COSENZA, Ramon M. Neurociência e educação [recurso eletrônico]: **como o cérebro aprende**/ Ramon M. Cosenza, Leonor B. GUERRA. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2011.

Convenção Internacional sobre os **Direitos das Pessoas com Deficiência** e seu Protocolo Facultativo. Decreto Legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008: Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2009.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Áreas Necessidades Educativas Especiais**, 1994, Salamanca–Espanha.

Dicionário Escolar da Língua Portuguesa: **minidicionário**/ Aline Carrijo de Oliveira. – 1. Ed. – Blumenau: Vale das Letras, 2011. 528 p.

ELLIS, Kathryn. **Autismo**. São Paulo: Revinter Ltda, 1996.

Estou autista. **Funções executivas**. 06 de maio de 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/estouautista/photos/a.148867701847517/1390559024345039/>>. Acesso em: 04 de Abril de 2022.

FAVERO, Eugênia Augusta Gonzaga; PANTOJA, Luisa de Marillac & MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Aspectos legais e orientações pedagógicas**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

FERREIRA, Maria E. C.; GUIMARÃES, Marly. **Educação inclusiva**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003. 158 p.

FIGUEIRA, Emilio. **As deficiências representadas na mídia e o papel da Psicologia Social**. 2010. Site Inclusive. Disponível em: <<https://www.inclusive.org.br/arquivos/16436>>. Acesso: 08 Nov. 2021.

GAUDERER, E. Christian. Terminologia. **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento**: uma atualização para os que atuam na área do especialista aos pais. Brasília, DF: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – CORDE, 1993.

GIARDINETTO. **Educação do aluno com autismo**: um estudo circunstanciado da experiência escolar inclusiva e as contribuições do currículo funcional natural. 2009. 194 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/giardinetto_arsb_do_mar.pdf>. Acesso em 21 abril 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Juca. **Ambiente organizado**. Nova Escola, Rio Grande do Sul, 2011. p. 30.

HARE, D. J. (1997). *'The cognitive behavioural therapy with people with Asperger's Syndrome: a use case study'*. *Autism*, 1.p. 215–225.

HENNEMANN, Ana Lúcia. **O que é Neurociência?** 2012. Novo Hamburgo-RS, Brasil. Disponível em: <<https://neuropsicopedagogianasaladeaula.blogspot.com/2012/04/o->

[que-e-neurociencias.html](#)>. Acesso em: 28 mai. 2021.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Educação para o futuro: Psicanálise e educação**. São Paulo: Escuta, 2007.

KRASNY, L.; WILLIAMS, B.; PROVENCAL, S. & OZONOFF, S. (2003). Social **skills interventions for autism spectrum: essential ingredient sand a model curriculum**. *Child Adolesc Psychiatry Clin N Am*. 12 (1), p. 107-122.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LIRA, Solange Maria de. **Escolarização de alunos autistas: histórias de sala de aula**. 2004. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <[http://www.btdt.uerj.br/tde_busca/processaPesquisa.php?listaDetalhes\[\]=18&processar=Processar](http://www.btdt.uerj.br/tde_busca/processaPesquisa.php?listaDetalhes[]=18&processar=Processar)>. Acesso em: 26 abril 2022.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. PRIETO, Rosângela Gavioli. **Inclusão Escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006. 103 p.

_____. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM-IV**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

MONTEIRO, Carolina Pacheco. **O autismo: do ponto de vista psicopedagógico**. 2011. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/K219097.pdf>. Acesso: 25 maio 2022.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MRECH, Leny Magalhães. **O que é educação inclusiva? Integração**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Especial, ano 6, n. 20, 1998 p. 37-39.

NEPOMUCENO, Régis. SOUL BRASIL. **“Rotina não é útil apenas para crianças com Autismo”**. Disponível em: <<https://soulbrasil.com/rotina-nao-e-util-apenas-para-criancas-com-autismo-defende-especialista>>. Acesso em: 03 Out. 2021.

Neuro Avance. **Autismo e o cérebro**. 20 de Junho de 2008. Disponível em: <<https://www.facebook.com/neuropsicologialeciene/photos/a.629809547174932/994840137338536/?type=3>>. Acesso em: 25 Nov. 2022.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Aspectos Inerentes ao Desenvolvimento da Criança com Autismo**. 2004. Disponível em: <<http://www.profala.com/artautismo9.htm>>. Acesso em: 02 set. 2021.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. Brasil confirma o primeiro caso de infecção pelo novo coronavírus. 2020e. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/node/69303>. Acesso em: 23 mar. 2021.

Pyramid Consultoria Educacional do Brasil. **Sistema de Comunicação por troca de figuras (PECS)**. 12 de maio de 2021. Disponível em: <<https://pecs-brazil.com/sistema-de-comunicacao-por-troca-de-figuras-pecs/>12 de maio de 2021>. Acesso em: 10 Dez 2021.

RANGEL, Philip. Semana Passarinha: **Símbolo do Autismo e seu significado**. 2014. Disponível em: <<http://www.entrandonumafria.com.br/2014/04/semanapassarinha-simbolo-do-autismo-e-seu-significado.html>>. Acesso em: 03 nov. 2021.

ROCHA, Pedro Paulo. **A cultura do autismo**. 1996. Disponível em: <<http://www.autista-no-lar.org/sintomas.htm>>. Acesso em: 28 Fev. 2022.

RODRIGUES, David. Dez ideias (mal) feitas sobre a educação inclusiva. In: RODRIGUES, David (Org.). *Inclusão e Educação: doze olhares sobre a Educação Inclusiva*. São Paulo: Summus, 2006.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo singular: Entenda o Autismo**. 1 Ed. Fontanar, 2012.

Sistema de comunicação por troca de figuras (PECS). Pyramid Consultoria Educacional do Brasil. Disponível em: <<https://pecs-brazil.com/sistema-de-comunicacao-por-troca-de-figuras-pecs/>>. Acesso em: 15 Jun. 2022.

TANTAM, D. (1989). *Asperger's Syndrome in adulthood*. Em: U. Frith (Org.) *Autism and Asperger Syndrome (147-183)*. Cambridge: Cambridge University Press.

TAYLOR, Charles. *El multiculturalismo y la política del reconocimiento*. Mexico, Fondo de Cultura Econômica, 1994.

TENDLARZ, S. E. Lacane o autismo em nossa época. **Opção lancianiana online nova série**. ano 8, nº 23, julho 2017, p. 1-9.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro; VIANA, Cleide Maria Quevedo Quixadá. **Formação de Professores: um campo de possibilidades inovadoras** in VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *A escola mudou. Que mude a formação dos professores!* Campinas: Papyrus, 2010.

VEIGA, I. & Viana, E. (2014). **Formação de Professores: um campo de possibilidades inovadoras**. In: Veiga e Silva (org). *A Escola Mudou! Que mude a Formação de Professores*. 3ª edição. Campinas, SP: Papyrus. Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico.

VERGARA, Sylvia Constant. *Métodos de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2005.

ANEXOS

ANEXO A – Plano de Ensino Individualizado – PEI

PLANO DE ENSINO INDIVIDUALIZADO – PEI

1º TRIMESTRE

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSOR: Paulo

IDENTIFICAÇÃO		
NOME DO ALUNO: Carlos Silva da Cruz ²⁴		
FILIAÇÃO	PAI: Roberto	
	MÃE: Mônica	
ENDEREÇO	Rua: Santa Rosa, casa 20, Bairro: Santa Rosa, Aracruz.	
IDADE: 12 anos	DATA DE NASCIMENTO: 06/ 07/ 2010	SEXO: Masculino
NÍVEL DE ESCOLARIDADE/ TURMA:	3º ano do ensino fundamental	
DEFICIÊNCIA: Transtorno do Espectro Autista de grau leve		
INSTITUIÇÃO: EMEF Castelo Branco		

Fonte: Autora da pesquisa, 2023.

1. CONTEÚDOS

- Escrita de palavras, frases e textos em letra cursiva com o traçado correto
- Leitura e compreensão de texto de forma colaborativa e autônoma
- Localização de informações em texto
- Identificação do tema/assunto, finalidade e função social dos textos
- Identificação de expressões que marcam a passagem do tempo
- Escrever relatos de experiências pessoais com sequência correta dos fatos e nível de informatividade necessário.
- Planejamento e produção de registros de observação do resultado de uma pesquisa
- Localização de informações explícitas e implícitas em textos
- Leitura e compreensão de texto do campo jornalístico e informativo
- Decodificação e fluência de leitura
- Expressão oral espontânea e expressiva
- Relato oral: sequência cronológica e nível de informatividade adequado

²⁴ Dados fictícios.

- Escuta atenta, atenção e concentração
- Formulação de perguntas pertinentes ao assunto
- Características da conversação espontânea
- Interação oral e sua finalidade comunicativa
- Leitura e compreensão de textos de forma autônoma e colaborativa
- Análise da situação comunicativa e o tema/assunto de textos da vida cotidiana
- Leitura e compreensão de textos literários
- Formação do leitor literário
- Decodificação/ Fluência de leitura
- Leitura silenciosa/ em voz alta para o professor
- Estratégia de leitura

2. HABILIDADES/ OBJETIVOS

(EF02LP07/ES) Escrever palavras, frases, textos curtos nas formas imprensa e cursiva, para que, progressivamente, apresente domínio da categorização gráfica.

(EF02LP12) Ler e compreender com certa autonomia cantigas, letras de canção, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto e relacionando sua forma de organização à sua finalidade.

(EF02LP17) Identificar e reproduzir, em relatos de experiências pessoais, a sequência dos fatos, utilizando expressões que marquem a passagem do tempo (“antes”, “depois”, “ontem”, “hoje”, “amanhã”, “outro dia”, “antigamente”, “há muito tempo” etc.), e o nível de informatividade necessário.

(EF02LP23) Planejar e produzir, com certa autonomia, pequenos registros de observação de resultados de pesquisa, coerentes com um tema investigado.

(EF15LP03) Localizar informações explícitas e implícitas em textos.

(EF15LP09) Expressar-se, em situações de intercâmbio oral, com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.

(EF15LP10) Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.

(EF15LP11) Reconhecer características da conversação espontânea presencial, respeitando os turnos de fala, selecionando e utilizando, durante a conversação, formas de tratamento adequadas, de acordo com a situação e a posição do

interlocutor.

(EF15LP13) Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.).

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

(EF15LP16). Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, progressivamente, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração, dentre outros) e crônicas.

(EF35LP01/ES). Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado, considerando a leitura contextualizada em uma situação comunicativa genuína.

(EF35LP02). Selecionar livros da biblioteca para leitura individual, justificando a escolha e compartilhando com os colegas sua opinião após a leitura.

(EF35LP03). Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.

3. METODOLOGIAS

- Leitura compartilhada/oral diária de diferentes gêneros textuais
- Roda de conversa sobre livros lidos
- Interpretação e reconto oral
- Uso do dicionário
- Músicas
- Análise de textos bem escritos
- Indicação literária
- Atividades permanentes: livro literário (Leitura e registro em casa)
- Leitura oral diária feita pelo professor para a turma
- Acesso a obras de boa qualidade literária
- Cartazes com os quatro tipos de letras, em local e altura de fácil visualização dos alunos.
- Orientação quanto ao traçado correto da letra cursiva
- Criação coletiva de algumas regras das convenções ortográficas e registrá-las em cartazes.

- Ditado interativo, refletindo e buscando caminhos para resolver dúvidas em relação à escrita correta das palavras ou frases

4. RECURSOS DIDÁTICOS

- Cadernos
- Livros didáticos e paradidáticos
- Silabários
- Músicas
- Vídeos

5. AVALIAÇÃO

Avaliação Formativa em um processo contínuo (diagnóstica, de intervenção e somativa), utilizando estratégias e instrumentos diversificados:

- Observação do aluno: execução das atividades, dúvidas e opiniões, registros realizados. Atividades de escrita de textos de forma autônoma.
- Ouvir a leitura individual do aluno: observação se lê com fluência ou não, e se compreende o que lê.
- Correção dos cadernos e livros: Observar se o aluno desenvolveu as atividades propostas.
- Atividade avaliativa: Provas realizadas para saber o que o aluno aprendeu no decorrer do trimestre.

6. BIBLIOGRAFIA

Continuum Curricular – 3º ano - Setor de Ensino Fundamental – Versão preliminar – Revisado em 2021 pela equipe da SEMED – Ensino Fundamental. Aracruz